

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**“XUPA, CAASO!”: MASCULINIDADES E RELAÇÕES DE GÊNERO NA  
ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ACADÊMICA DA UFSCar”**

Guilherme Saade Floeter

**São Carlos  
Setembro de 2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**“XUPA, CAASO!”: MASCULINIDADES E RELAÇÕES DE GÊNERO NA  
ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ACADÊMICA DA UFSCar”**

Guilherme Saade Floeter

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

**São Carlos  
Setembro de 2012**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

F628xc

Floeter, Guilherme Saade.

“Xupa, CAASO!” : masculinidades e relações de gênero na Associação Atlética Acadêmica da UFSCar / Guilherme Saade Floeter. -- São Carlos : UFSCar, 2015.  
94 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2012.

1. Sociologia. 2. Masculinidade. 3. Estudantes universitários. 4. Gênero. 5. Teoria Queer. I. Título.

CDD: 301 (20<sup>a</sup>)



Universidade Federal de São Carlos  
Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia  
Rodovia Washington Luís, Km 235 – Cx. Postal 676  
13565-905 São Carlos-SP - Fone/Fax: (16) 3351.8673  
[www.ppgs.ufscar.br](http://www.ppgs.ufscar.br) - Endereço eletrônico: [ppgs@ufscar.br](mailto:ppgs@ufscar.br)

## Guilherme Saade Floeter

Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em 06 de setembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Richard Miskolci  
Orientador  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFSCar

Prof. Dra. Larissa Maués Pelúcio Silva  
Universidade Estadual Paulista/ Bauru

Prof. Dr. Gabriel de Santis Feltran  
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Para uso da CPIS

Homologado na 34.<sup>a</sup> Reunião da CPG-  
Sociologia, realizada em 03/09/12

Prof. Dr. Maria Inês Rauter Mancuso  
Coordenadora do PPGS

Para Glicério de Campos Monteiro (*In memoriam*), uma das várias bússolas que encontrei em minha caminhada por este mundo e pretendia levar comigo para sempre; mas que, infelizmente, perdi no meio do caminho.

## AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) por ter concedido 12 meses de financiamento, o que possibilitou ainda mais a realização da pesquisa aqui apresentada.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Richard Miskolci, com quem aprendi muito em todos estes anos desde nossos primeiros encontros quando eu ainda estava na graduação. E também pela sua paciência.

À tod@s integrantes do Grupo de Pesquisa Corpo Identidades e Subjetivações (CIS), com quem estabeleci intensas trocas durante todos os anos de participação no mesmo. Mas especialmente para Fernando Balieiro, Lara Facioli, Juliana do Prado, Luciana Furlanetto e Tiago Duque. Sem vocês a realização deste trabalho não seria possível.

À tod@s professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da UFSCar, muito importantes para a minha formação. Especialmente à Profa. Dra. Maria Inês Mancuso.

À (ex) assistente de administração do PPGS, Ana Bertolo, por toda sua atenção nestes anos de mestrado.

Ao Prof. Dr. Jorge Leite, por sua participação em minha banca de qualificação trazendo ótimas críticas e sugestões ao trabalho aqui apresentado.

Ao Prof. Dr. Gabriel Feltran, pelas essenciais críticas e sugestões apresentadas em minha banca de qualificação, e também por ter aceitado participar da banca de defesa.

À Profa. Dra. Larissa Pelúcio, também integrante do CIS, por todo apoio prestado desde quando o trabalho aqui apresentado era somente um projeto, e por ter aceitado participar da banca de defesa.

À tod@s amig@s que me apoiaram durante este tempo de mestrado, tanto nos momentos mais felizes como nas piores crises. Especialmente, Anna Paula, Thiago S., Carla, Everton, Ricardo, Pablo, Pamela, Karina, Ivan, Juliana, Bruna, Ana Gabriela, Beatriz, Jacqueline, Thiago R.

À Thais Moya, que praticamente me adotou e me ajudou nos momentos finais de elaboração do trabalho aqui apresentado. Obrigado do fundo do meu coração!

Ao meu irmão, Frederico, pela nossa intensa amizade, e por todo apoio prestado, principalmente nos momentos mais difíceis.

Por fim, mas de maneira alguma menos importante, agradeço a meu pai, Roberto de Almeida Floeter e minha mãe, Rosa Maria Saade Floeter, por todo amor e carinho, e por terem sempre me apoiado, de maneira inigualável, em minhas escolhas e me incentivado a continuar com elas.

“Aqui tem mais mulher! Aqui tem mais mulher! (4x)  
Aqui só tem filé! Aqui só tem filé! (4x)  
Aqui é mais legal! Aqui é mais legal! (4x)”  
(Grito de Guerra dos estudantes da UFSCar)

“Federal, como é que pode? As suas minas nós que fode!”  
(Réplica dos estudantes do CAASO/ USP)

“CAASO, como é que pode? Suas minas tem bigode!”  
(Tréplica dos estudantes da Federal)

Especialmente porque este estudo discute um continuum, uma potencial congruência estrutural, e uma relação (mutante) de significado entre as relações homossexuais masculinas e as relações patriarcais masculinas através das quais as mulheres são oprimidas, é muito importante enfatizar que eu não estou assumindo ou mesmo argumentando que o poder patriarcal é essencialmente ou necessariamente homossexual (distinto de homosocial), ou que o desejo homossexual masculino tem uma relação primária ou necessária com a misoginia. Qualquer um desses argumentos seria homofóbico e, acredito, eu, impreciso. Eu estarei, no entanto, argumentando **que a homofobia dirigida por homens contra homens é misógina, e talvez trans-historicamente isso se dá assim. (Por “misógino” eu quero dizer não apenas a opressão do dito feminino nos homens, mas o que é opressivo para as mulheres.)** O maior potencial para erros de interpretação reside nesta parte do argumento. Porque "homossexualidade" e "homofobia" são, independente da maneira como se apresentam, sempre, construções históricas, porque elas tendem a preocupar-se intensamente uma com a outra e assumir formas interligadas ou espelhadas, porque o teatro de sua luta tende a ocorrer intra-psiquicamente ou intra-institucionalmente, bem como publicamente, nem sempre é fácil (algumas vezes quase impossível) distinguir uma da outra.

(Sedgwick, 1985, p. 20 – tradução e grifo nosso)



## RESUMO

O presente estudo, realizado a partir de uma pesquisa etnográfica (observação acompanhante e entrevistas) empreendida entre alunos e alunas de graduação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), especificamente os/as que participam da Associação Atlética Acadêmica (AAA), apresenta como objetivo central analisar como tais estudantes evidenciam em suas práticas e discursos, dentro do ambiente universitário, a construção da(s) masculinidade(s) com base nas relações de gênero. A partir da rivalidade entre UFSCar e USP *campus* de São Carlos, tento mostrar de que maneira existe um processo de generificação e sexualização de ambas as instituições, que culmina na construção de dois pólos normativos de inteligibilidade de gênero: de um lado, a USP, tida como espaço masculino, pois a grande maioria de seus cursos, Engenharias, se aloca na área das Ciências Exatas, supostamente mais racional e de homens (heterossexuais); e de outro, a UFSCar, universidade composta pelos cursos de Ciências Humanas e Biológicas, além dos de Ciências Exatas, e, por isso, suposto lugar das mulheres, da sensibilidade e da falta de racionalidade. Tal rivalidade, como será exposta no texto, não se dá entre as duas instituições, mas entre os homens que delas fazem parte, o que evidencia um processo contínuo de construção das masculinidades, atravessado por discursos misóginos e homofóbicos, onde o esforço constante é o de rejeitar, recusar e ridicularizar tudo aquilo que se aproxima do pólo feminino e da homossexualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Masculinidades, Gênero, Universitários e Teoria *Queer*

## ABSTRACT

This study, done from a ethnographic research (participant observation and interviews) undertaken among undergraduate students of the Federal University of São Carlos (UFSCar), specifically those who participates in the Academic Athletic Association (AAA), presents as main object to analyze how these students show in their practices and discourses within the university environment, the construction of the masculinity(ies) based on gender relations. From the rivalry between UFSCar and USP campus in São Carlos, we try to show how there is a process of gendering and sexualization of both institutions, culminating in the construction of two regulatory poles of gender intelligibility: in one hand, USP, seen as masculine space, because the vast majority of their courses, Engineering, is allocated in the area of Exact Sciences, supposedly more rational and men (heterosexual); and in the other, the UFSCar, university composed of Humanities courses Biological and, in addition to Exact Sciences, and therefore supposed place of women, sensitivity and lack of rationality. Such rivalry, as will be exposed in the text, is not between the two institutions, but among men who are part of them, which shows a continuous process of construction of masculinities, crossed by misogynistic and homophobic speeches, where the constant effort is to reject, deny and ridicule everything that approaches the female pole and homosexuality.

**KEY-WORDS:** Masculinities, Gender, Undergraduate students, Queer Theory

## SUMÁRIO DE FIGURAS

FIGURA 1: Logo da XXXII TUSCA _____	22
FIGURA 2: Bandeirão da AAA _____	31
FIGURA 3: Corso _____	37
FIGURA 4: “Federal joga, eu vou!” _____	45
FIGURA 5: Homens travestidos de <i>Cheerleading</i> _____	69
FIGURA 6: Festa “Putta e Cafetão” _____	69
FIGURA 7: “Toda mulher é puta! Se não à vista é à prazo!” _____	70
FIGURA 8: “Uma mulher não vale ABSOLUTamente NADA!!!” _____	75
FIGURA 9: Perfil da empresa “Eureka” no <i>Facebook</i> _____	76
FIGURA 10: Homens no baile do Trocado _____	78
FIGURA 11: “Hoje eu acordei com uma vontade de ver Brokeback Mountain” _____	82
FIGURA 12: AAA <i>versus</i> CAASO _____	84

## SUMÁRIO DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Porcentagem de estudantes por classe de renda familiar _____	16
GRÁFICO 2: Porcentagem de Ingressantes na graduação por origem do ensino médio _____	17

## SUMÁRIO DE QUADROS

QUADRO 1: Matriz heterossexista por Judith Butler (2003) _____	28
--	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>1. O CAMPUS COMO CAMPO</b>	<b>16</b>
1.1 A Rivalidade entre Federal e CAASO	22
1.2 A Taça Universitária de São Carlos (TUSCA)	36
1.3 “ <i>Quem vai ganhar esse jogo? AAA!</i> ” A Associação Atlética Acadêmica da UFSCar	45
1.3.1 A Atlética tem uma mulher na presidência, uma Presidenta!	49
1.3.2 Nem tod@s são atletas (ou atlétic@s)	52
1.3.3 FamíliAAA	52
1.3.4 EmpresAAA	54
<b>2. ESTUDOS DE MASCULINIDADES E PERSPECTIVA <i>QUEER</i>:</b>	<b>58</b>
<b>3. ENTRE HOMENS (E MULHERES)</b>	<b>67</b>
3.1 Mulheres entre homens e vice versa	67
3.2 Mulheres entre mulheres	73
3.3 Homem com H(omem)	78
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>84</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>88</b>
<b>6. ANEXOS</b>	<b>92</b>

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como proposta uma análise sociológica que busca compreender como os/as estudantes de graduação na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) entendem a(s) masculinidade(s) e, sobretudo, quais as mudanças que essa concepção simbólica e discursiva sofre a partir da experiência universitária (possível mudança de cidade e novas sociabilidades).

A investigação foi realizada por meio de pesquisa etnográfica, unindo técnicas como observação, entrevistas semi-estruturadas e após a constituição de uma rede, entrevistas em profundidade, com o intuito de inquirir/investigar os/as estudantes acerca de suas concepções sobre masculinidades, o que é ser homem e se a experiência universitária teve algum efeito modificador nestas. A análise dos resultados é feita a partir de um referencial teórico da Sociologia das Diferenças (MISKOLCI, 2009), o qual tem intersecções com os Estudos Culturais, a Teoria *Queer* e também outras fontes teóricas feministas.

A ideia de se inquirir sobre as concepções de masculinidades entre os estudantes de graduação da UFSCar provém do fato de que dentro e fora do meio acadêmico, muitos têm sugerido que estaríamos vivendo uma crise de identidades (GOLDENBERG, 2000, 2004; HEILBORN, 2004; SIMÕES, 2005), na qual as velhas formas de identificação, supostamente fixas e estáveis, estariam sendo descentradas (HALL, 2005, p.9). Dentre as identidades em crise estariam e teriam destaque as de gênero.

Pode-se afirmar que, de forma geral, as principais mudanças que afetaram as identidades de gênero nas últimas décadas são: as transformações na família, ou seja, a crise da forma da família nuclear burguesa (monogâmica e heterossexual); a entrada da mulher no mercado de trabalho; a separação da sexualidade da reprodução e; uma política de maior visibilidade de gays e lésbicas (ARÁN, 2003, pp. 400-401).

Tais mudanças estão diretamente relacionadas com transformações percebidas nas relações de poder entre homens e mulheres, mas também entre homens e mulheres cujas identidades são hegemônicas frente àqueles e àquelas que um dia já foram vistos como desviantes e anormais (gays, lésbicas, transexuais e transgêneros) (MISKOLCI, 2005, s/p). É justamente na análise dessa dinâmica relacional entre a masculinidade hegemônica, ou seja, o modelo socialmente imposto e esperado de masculinidade, e essas masculinidades outras subordinadas a ela, que podemos chamar de subalternas (por exemplo, a masculinidade elaborada pelos gays e adotada como modelo de comportamento pelos mesmos) (CONNELL,

1995, 2005; KIMMEL, 1998; ALMEIDA, 2000; CARRIGAN, CONNELL, LEE, 2009[1985]), que essa pesquisa busca se inserir. Sendo assim, neste estudo o uso do termo “masculinidades” será no plural, apesar de o discurso social corrente compreender a masculinidade no singular e associada à heterossexualidade (LARA, 2006, p.3).

A análise aqui proposta se sustenta na tradição teórica feminista que se utiliza do conceito de gênero como categoria de análise, que foi inicialmente apresentado por Gayle Rubin em seu texto *Tráfico de Mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo* (1975)<sup>1</sup>, e muito bem definido por Joan W. Scott em *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, como um elemento histórico e constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e um primeiro modo de dar significado às relações de poder, estruturando a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social (SCOTT, 1998, p.16). Desta maneira, o masculino e o feminino são retirados da esfera de explicação biológica, e passam a ser explicados cultural e historicamente.

Judith Butler, por sua vez, em seu livro *Problemas de gênero* (2003) problematiza essa concepção de gênero proposta por Rubin e Scott ao dizer que ela está ancorada no binário que distingue natureza/cultura, que de acordo com a autora fundamenta o binário feminino/masculino, constituindo um impedimento para uma compreensão que desnaturalize o gênero de uma forma mais completa. Ao indagar a pretensa natureza de um “sexo” anterior ao gênero, afirma a autora:

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de um significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a “natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzida e estabelecido como pré-discursivo, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual* age a cultura (BUTLER, 2003, p.25).

É a partir deste deslocamento da concepção da categoria de gênero que Butler (2003) propõe que se tome o gênero enquanto *performativo*, ou seja, algo que é “*performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero” (p.48). Assim, encara-se “o gênero como uma representação que constitui *performativamente*

---

<sup>1</sup> Neste texto seminal, Rubin lança a ideia de um sistema sexo/gênero, que seria, uma série de arranjos pelos quais a matéria-prima biológica do sexo humano e da procriação é moldada pela intervenção humana, social, e satisfeita de um modo convencional (RUBIN, 1975).

a aparência de sua própria fixidez interior [“o sexo”]” (p.107). De forma que tornar-se um gênero, é tornar-se *naturalizado*.

Portanto, no que tange o gênero enquanto uma identidade:

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação de qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de eu permanentemente marcado pelo gênero. Essa formulação tira a concepção do gênero do solo de um modelo substancial da identidade, deslocando-a para um outro que requer concebê-lo como uma *temporalidade social* constituída. Significativamente, se o gênero é instituído mediante atos internamente descontínuos, então a *aparência de substancia* é precisamente isso, uma identidade construída, uma realização *performativa* em que a plateia social mundana, incluindo os próprios atores, passa a acreditar, exercendo-a sob a forma de uma crença (BUTLER, 2003, p.200).

É importante frisar que tal proposta da autora só adquire coerência e sentido, dentro daquilo que ela chama de *matriz heterossexual*, uma grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados. Na qual, os gêneros “inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. De forma que o desejo heterossexualizado requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e “fêmea” (BUTLER, 2003, p.38-39).

A partir destas proposições de Butler, acoplado ao conceito de gênero, e fundamental para a pesquisa, está o conceito foucaultiano de sexualidade:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 2005, p.100).

Ou seja, um dispositivo histórico do poder que marca as sociedades ocidentais modernas e se caracteriza pela inserção do sexo em sistemas de unidade e regulação social (FOUCAULT, 2005, p.100). Enquanto Foucault já enunciou a emergência da figura do homossexual no advento da sociedade moderna como uma das peças-chaves do dispositivo de sexualidade, os teóricos *queer* exploram como a regulação da sexualidade contemporânea

passa pela consolidação histórica do binário hetero/homo que fundamentou uma ordem heteronormativa:

o conceito de heteronormatividade sintetiza o conjunto de normas prescritas, mesmo que não explicitadas, que marcam toda a ordem social e não apenas no que concerne à escolha de parceiro amoroso; alude, também, ao conjunto de instituições, estruturas de compreensão e orientação prática que se apoiam na heterossexualidade. É toda esta ordem social que mostra como no par heterossexualidade/homossexualidade não há simetria, pois ele engloba díades como norma/desvio, regra/exceção, centro/margem (PELÚCIO e MISKOLCI, 2008, p. 16).

Em uma perspectiva *queer*, propõe-se não tomar a (hetero)sexualidade como dada, antes focar nos processos que instituem as identidades, articulando gênero e sexualidade para a compreensão de como elas se expressam, no caso as masculinas, como hegemônica e subalternas. Em outros termos, parte-se do pressuposto de que nas sociedades contemporâneas, a masculinidade hegemônica depende do homossexual e da recusa da homossexualidade para ser socialmente construída<sup>2</sup>. Como salientam alguns autores, a masculinidade se constitui nas sociedades contemporâneas pelo domínio das mulheres e pela homofobia (WELZER-LANG, 2001; SEDGWICK, 1985).

Esta pesquisa parte da dinâmica relacional presente na constituição das identidades masculinas, que por sua vez, são construídas também em relação com as identidades femininas. Na perspectiva dos estudos de gênero problematizam-se essencializações que fixam modelos de masculinidades e feminilidades baseados em atributos que seriam produtos de características supostamente naturais e inatas. Toda identidade é construção histórica e social e as identidades de gênero não escapam a isso. Sua aparente naturalidade foi desconstruída teoricamente e nada mais é do que um mito social poderoso que permite e auxilia na instauração e manutenção de desigualdades sociais por meio da atribuição de poder àqueles que nossa sociedade considera superiores.

A importância do foco nas identidades de gênero repousa no fato de que essas são as identidades-chave em nossa sociedade. Antes mesmo de nascermos já emerge a questão: é menino ou menina? Fica claro que lidar com identidades necessariamente exige lidar com gênero, pois como afirma Judith Butler: “Seria errado supor que a discussão sobre a

---

<sup>2</sup> Sobre a masculinidade hegemônica nos contextos modernos, postula Vale de Almeida (2000): “o processo foucaultiano da passagem da noção de ‘luxúria’ para a especificidade das ‘perversões’ seria fundamental para a constituição histórica da hegemonia” (idem, p. 150).

identidade deva ser anterior à discussão sobre a identidade de gênero, pela simples razão de que as ‘pessoas’ só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero” (BUTLER, 2003, p. 37).

Portanto, o estudo de como os/as estudantes de graduação da UFSCar entendem a masculinidade aqui apresentado tem o intuito de revelar a dinâmica relacional das identidades masculinas visando problematizar as atribuições de poder a elas concedidas de forma a categorizá-las como hegemônica e subalternas. A partir das contribuições da Teoria *Queer*, a pesquisa foca nos processos normalizadores que as criam como tais, levando em consideração os desencadeamentos que esta categorização das identidades gera em nossa sociedade, com a preocupação de se investigar se essas mudanças no ideal de masculinidade hegemônica, que são interpretados como uma suposta crise da mesma caminham no sentido de uma relação mais igualitária entre os gêneros e as sexualidades, ou se não passam de novas articulações do poder que ainda manterão intactos o sexismo e a homofobia.

No primeiro capítulo apresento o meu campo de pesquisa, a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e os motivos que me fizeram focar a análise num grupo específico de estudantes, os membros da Associação Atlética Acadêmica da UFSCar (AAA). Este capítulo se desdobra em um retrato do grupo escolhido para análise, atravessado por questões de gênero.

No segundo capítulo, busquei traçar um pequeno histórico dos estudos sobre masculinidades atentando para suas principais preocupações e teorizações, desde o seu surgimento no fim da década de 1960, nos países anglo-saxões, ainda muito ligados a Teoria dos Papéis Sociais, que tinham certa tendência a universalizar a ideia de masculinidade (ainda no singular) e não levar em consideração as relações de poder entre homens e mulheres. Passando pelas teorizações feministas na década de 1970 e seguinte, principalmente a formulação do conceito de Gênero e seus desdobramentos, até a consolidação do campo de estudos sobre masculinidades no final da década de 1980 e início da década de 1990, focando nas possíveis trocas que este último estabeleceu com as produções feministas da época.

Em seguida apresento a perspectiva adotada por mim em minhas análises, a perspectiva *Queer*, focada na Diferença, ou seja, que enxerga as relações de gênero para além dos binarismos da matriz heterossexual de inteligibilidade de gênero apresentada pela filósofa Judith Butler (2003, 1993), e embasada na ideia de Interseccionalidades apresentada por Avtar Brah (2006).



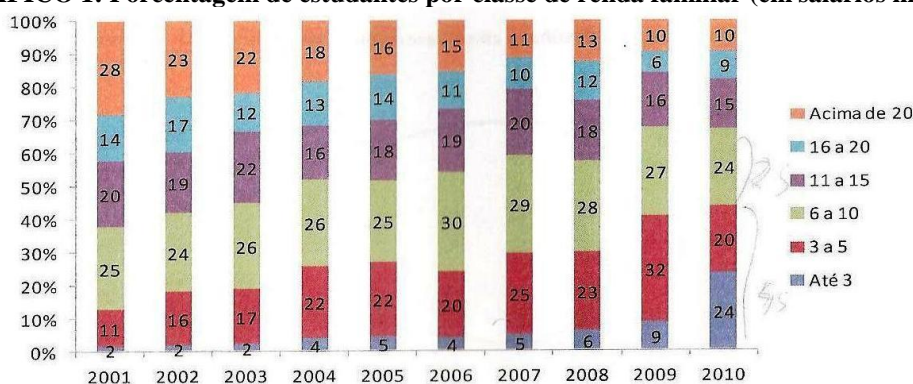
Já no terceiro capítulo apresento situações observadas em campo que reproduzem de forma explícita hierarquizações em termos de gênero e sexualidade, por meio das relações entre os sujeitos analisados.

E, por fim, as considerações analíticas que buscam, acima de tudo, provocar e motivar mais estudos sobre a temática.

## 1. O CAMPUS COMO CAMPO

A escolha da UFSCar, *campus* de São Carlos, como campo de pesquisa, e o foco nos alunos e alunas de graduação justifica-se pelo fato de esses sujeitos estarem cursando sua graduação em uma instituição pública de ensino superior de alto nível que há mais de quarenta anos recebe alunos e alunas de todas as regiões do Brasil, que apesar de recentemente ter adotado políticas de inclusão social<sup>3</sup>, são ainda em grande parte provenientes das camadas médias e altas da população, como demonstra o gráfico abaixo.

**GRÁFICO 1: Porcentagem de estudantes por classe de renda familiar (em salários mínimos)**



Fonte: Universidade Federal de São Carlos, 2011

Em 2001, 28% dos estudantes da UFSCar eram oriundos de famílias com renda igual ou superior a 20 salários mínimos, 14% acima de 16 salários mínimos e 20% de famílias com renda entre 11 e 15 salários mínimos. Ou seja, aproximadamente 2/3 dos estudantes eram de famílias com alto poder aquisitivo.

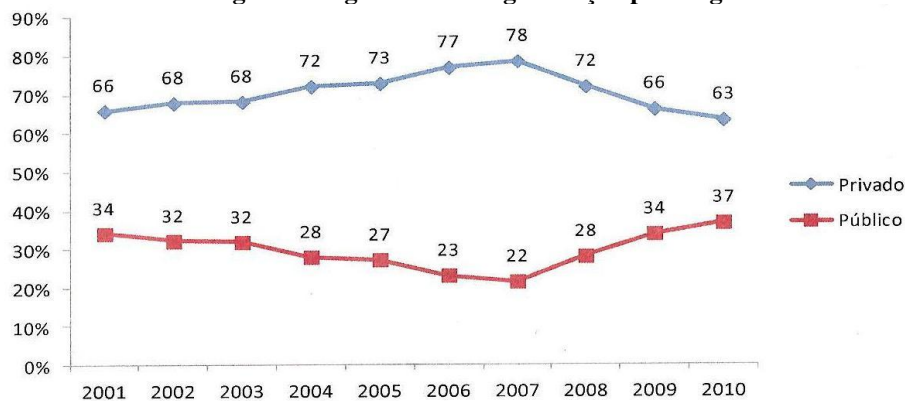
Este quadro sofre uma inflexão em 2010, pois como se observa no gráfico acima, 10% dos estudantes eram provenientes de famílias com renda igual ou superior a 20 salários mínimos, 9% com renda de 16 a 20 e 15% de 11 a 15. Em suma, incidiu para 1/3 o número de estudantes oriundos de famílias de alto poder aquisitivo.

Tal mudança de perfil pode ser explicada por, ao menos, dois fenômenos. Primeiro, o impacto do acesso diferenciado provocado pelo Programa de Ações Afirmativas

<sup>3</sup> Recentemente, 2006, a UFSCar aderiu um Programa de Ações afirmativas, o qual, até 2016, disponibilizará 50% das vagas de cada curso de graduação a egressos de escolas públicas, das quais, 35% serão reservados para estudantes negros/as. Além das reservas citadas, o Programa determina que cada curso disponibilize uma vaga extra para candidatos/as indígenas. Outro programa que ampliou o acesso à UFSCar é o REUNI (Programa de Apoio à Reestruturação e Expansão das Instituições Federais de Ensino Superior), que, desde 2008, tem aumentado o número de vagas, contratações e estruturas físicas da universidade. Ver: [http://www2.ufscar.br/interface\\_frames/index.php?link=http://www.acoesafirmativas.ufscar.br](http://www2.ufscar.br/interface_frames/index.php?link=http://www.acoesafirmativas.ufscar.br) e [http://www2.ufscar.br/interface\\_frames/index.php?link=http://www.reuni.ufscar.br](http://www2.ufscar.br/interface_frames/index.php?link=http://www.reuni.ufscar.br).

e, segundo, em razão da valorização do salário-mínimo durante os governos Lula (2003 - 2010).

**GRÁFICO 2: Porcentagem de Ingressantes na graduação por origem do ensino médio**



Fonte: Universidade Federal de São Carlos, 2011

No que tange a origem dos estudantes, em 2001, 1/3 vinham da escola pública e este número decaiu, até 2007, para 22%. A partir de 2008, ascendeu até alcançar 37% dos estudantes em 2010. A maior marca da instituição em sua série histórica no que se refere a egressos de escola pública.

Vale ressaltar, que durante a década analisada, a UFSCar mais que dobrou seu quadro discente. Em 2001, eram 5.224 estudantes e em 2010 computavam 12.094, sendo, aproximadamente, 3 mil a distância e parte dos presenciais em Sorocaba, campus criado em 2005.

A UFSCar, portanto, ficou maior que a Universidade de São Paulo (USP), *campus* São Carlos, em quantidade de estudantes e, atualmente, possui um perfil socioeconômico distinto, porém, segundo os dados de 2012<sup>4</sup>, ambas ainda possuem um perfil relativamente próximo, ao menos, no que se refere aos egressos de escola pública e, por dedução, egressos de escolas privadas.

Tais dados são relevantes, pois desde já podemos concluir que a relação de rivalidade entre os estudantes das duas universidades citadas não pode ser explicada por meio

<sup>4</sup> Em 2012, 28% dos ingressantes na USP eram oriundos de escolas públicas. Vale ressaltar que a mesma possui um programa de inclusão social, o INCLUSP. Ver: [www.saocarlos.usp.br/index2.php?option=com\\_content&task=view&id=8909&pop=1&page=0&Itemid=1](http://www.saocarlos.usp.br/index2.php?option=com_content&task=view&id=8909&pop=1&page=0&Itemid=1) e [http://www.prg.usp.br/site/index.php?option=com\\_content&view=article&id=50:-programa-de-inclusao-social-da-usp-inclusp&catid=14:programas-especiais&Itemid=18](http://www.prg.usp.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=50:-programa-de-inclusao-social-da-usp-inclusp&catid=14:programas-especiais&Itemid=18)

do viés econômico, ou seja, pobres *versus* ricos. O que nos leva, portanto, ao questionamento de quais variáveis podem nos explicar sociologicamente tal rivalidade.

Dito isso, é relevante pontuar também que esta relativa “paridade” entre os perfis socioeconômicos permite que nossa análise desenvolva-se coesa em termos de acesso a bens simbólicos, que possivelmente interferem nas concepções de masculinidade(s) dos/das estudantes, e torna o campo de pesquisa escolhido um local privilegiado para a compreensão do(s) modelo(s) de masculinidade(s) corrente(s) neste estrato de nossa sociedade.

O fato de serem provenientes de classes médias e altas da sociedade brasileira faz deles também os principais consumidores e formadores de opinião de pública, logo reprodutores e disseminadores de determinados valores, o que, obviamente, interessa-nos enquanto fonte de análise sociológica.

A facilidade de contato que possuo por ter realizado minha graduação na mesma instituição caracterizou-se um fator preponderante em minha escolha do campo. Porém, em contrapartida, esta pretensa familiaridade constituiu uma preocupação metodológica no que diz respeito ao estranhamento do familiar (DAMATTA, 1978). Assim, procurei não tomar o campo como dado, e sim construí-lo a partir das questões propostas pela pesquisa.

O plano inicial consistia na estratégia de abordar os alunos e alunas em atividades extracurriculares. Neste sentido, procurei mapear dentro da universidade uma variedade de grupos que contassem com estudantes das diversas áreas do conhecimento<sup>5</sup>, para contemplar um dos pressupostos da pesquisa, que é o fato de que tanto a escolha do curso por parte dos/as estudantes para iniciarem sua carreira profissional, quanto as experiências vivenciadas a partir de cursos diferentes, podem levar a percepções diferenciadas da realidade vivida.

Os grupos com os quais, inicialmente, estabeleci contato com alguns/mas integrantes foram: o GAIA (Grupo Ambiental Ipê Amarelo), um grupo de discussões sobre a questão ambiental que se reúne semanalmente nos arredores do Restaurante Universitário; a INCOOP (Incubadora Regional de Cooperativas Populares), um programa de Extensão Universitária da UFSCar que atua junto às comunidades urbanas e rurais mediante a incubação de cooperativas populares e de empreendimentos solidários, e que possui sede na UFSCar; a Rádio UFSCar, que possui sede na própria universidade; o CineUFSCar, o cineclubes presente na universidade como projeto de Extensão Universitária, que realiza

---

<sup>5</sup> São elas: Ciências Biológicas, Ciências Exatas e Ciências Humanas.

exibições cinematográficas semanalmente e possui sede na universidade; o DCE - Livre UFSCar (Diretório Central dos Estudantes), estância representativa dos alunos e alunas da graduação perante os conselhos universitários, que se reúne semanalmente no centro de convivência estudantil da Área Sul da universidade; a AAA UFSCar (Associação Atlética Acadêmica), responsável pela organização de eventos desportivos na universidade, assim como pela organização do TUSCA (Taça Universitária de São Carlos), que reúne anualmente alunos e alunas de pelo menos 4 universidades (sendo elas a UFSCar, a USP *campus* de São Carlos e mais convidadas) para 4 dias de jogos e festas, e que se reúne semanalmente no Palquinho do centro de convivência da Área Sul da universidade; e por fim, o *Cheerleading* UFSCar, o recém-formado (fins de 2009) grupo de animadoras/animadores de torcida da universidade.

A partir deste meu contato inicial com os grupos selecionados, comecei a minha imersão no campo participando das reuniões dos grupos com o intuito de estabelecer redes sociais, aqui entendidas por conjuntos de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos (BARNES, 1987, p.167), para que fosse garantido o acesso a um material que minimizasse ou, pelo menos, mantivesse relativamente sob controle e reflexão o viés de escolha dos/das entrevistados/as (HEILBORN, 2004). A fim de recolher uma amostra representativa de como pensam os/as estudantes de graduação sobre a(s) masculinidade(s) e se por acaso isto se modifica a partir da experiência da graduação.

Após algumas semanas frequentando as reuniões, fui me realizando que alguns grupos não “rendiam” e acabei por abandoná-los. Foram dois motivos que me levaram a isso.

O primeiro foi o caso dos que eram projetos de extensão: a Rádio UFSCar, o CineUFSCar e a INCOOP, pois, apesar destas atividades se configurarem como extracurriculares, os alunos e alunas estavam sempre sob a supervisão de um docente ou técnico da instituição, o que limitava a minha interação. Além do fato que eu me sentia atrapalhando a atividade, nada bom para mim e nem para os alunos, alunas e coordenadores/as que participavam destas atividades.

O segundo motivo se refere a pouca ou quase nenhuma participação de estudantes nas atividades, que foi o caso do DCE - Livre da UFSCar, que está sofrendo um processo de esvaziamento intenso, que pode ser traduzido, por exemplo, na participação das mesmas três pessoas nas seis reuniões semanais que acompanhei e, principalmente, na dissolução da diretoria responsável pela entidade deixando as decisões a cargo do Conselho

dos Centros Acadêmicos (CCA), outra instancia representativa dos/as estudantes, em novembro de 2011.

É importante salientar que em outros momentos históricos o DCE tinha muito mais relevância entre os alunos/as e era muito disputado. De acordo com colaboradores de pesquisa que frequentaram e/ou foram alunos da UFSCar durante os anos de 1980 e 1990, nestes períodos o Movimento Estudantil (que tradicionalmente se organizou em torno do DCE) era bem mais forte. No primeiro momento, meados e fins dos anos 1980, por causa da redemocratização do país. Já na década de 1990, período dos governos Fernando Henrique Cardoso, por causa, principalmente, da onda de greves nas instituições de ensino superior federais. Nesta época, a tensão e a disputa pelo controle do DCE eram tão intensos que um estudante tentou impedir armado a posse de uma chapa rival, segundo relatou um colaborador.

Quanto ao GAIA, que nos primeiros meses de incursões ao campo teve apenas duas reuniões e pouquíssimas pessoas presentes, figurando como importante apenas para a distribuição de canecas aos alunos com o intuito de diminuir o uso de copos plásticos descartáveis<sup>6</sup>.

Em contrapartida, os dois grupos que me restaram se mostraram muito frutíferos em relação às questões propostas pela pesquisa. Ainda mais por sua estreita, e às vezes tensa relação. São eles, a Associação Atlética Acadêmica da UFSCar, a AAA UFSCar; e o *Cheerleading* UFSCar. Portanto, o foco da pesquisa se tornou esses dois grupos e os/as estudantes que neles participam. Principalmente a AAA, já que o *Cheerleading* com o passar do tempo, apesar de realizar reuniões para discussão de suas atividades, se mostrou mais como uma modalidade esportiva baseada em treinos, interessando para a pesquisa aqui proposta apenas no que diz respeito a sua relação com a AAA.

Além dos “acidentes de percurso” relatados acima, após algumas semanas de participação nas reuniões dos grupos tive outros motivos que justificam meu foco na AAA. Pude perceber após um curto período de tempo, que a AAA é um grupo com intensa participação de seus membros, pois nas reuniões semanais estão, praticamente, sempre presentes os/as 17 diretores(as) e pelo menos mais dez membros, um número relativamente grande comparado aos outros grupos com que me envolvi com o intuito de realizar a pesquisa. Mais o fato que a AAA é responsável por organizar/administrar todos os treinos das modalidades esportivas presentes na UFSCar, assim como levar os/as atletas para competições fora da Universidade, ou seja, o grupo é responsável pela projeção exterior da

---

<sup>6</sup> É necessário o uso destas canecas por parte dos alunos/as para se servir da bebida oferecida no Restaurante Universitário.

Universidade no que tange aos esportes. E também é responsável pela organização de competições esportivas dentro da Universidade, que em determinados eventos recebe estudantes de outras instituições de ensino superior do país, mais uma vez projetando a Universidade exteriormente. O que se repete com suas atividades festivas. Sendo a famosa TUSCA (Taça Universitária de São Carlos) o evento (esportivo e festivo) de maior importância organizado pela associação, primeiro pelo seu tamanho e quantidade de trabalho exigida aos membros da associação para sua realização, e segundo, mas não menos importante, por ser o evento em que a rivalidade com o CAASO<sup>7</sup> é colocada em evidência<sup>8</sup>. Rivalidade que, de certa forma, pauta todo o calendário anual de atividades da associação como preparativos para a TUSCA, tanto no que diz respeito aos treinos esportivos, como no que diz respeito a eventos para arrecadar dinheiro, fato que nos últimos anos justificou uma mudança no modelo de gestão da associação, levando a rivalidade a patamares não existentes anteriormente. Estes pontos serão explorados a seguir.

Desta forma, a análise das relações de gênero, focada nas concepções de masculinidades e suas possíveis mudanças entre os/as universitários/as, proposta nesta pesquisa, ficou localizada e circunscrita a este grupo e aos/às estudantes que dele participam, não podendo de forma alguma ser estendida ou generalizada ao *campus*/campo como um todo. Tal mudança de foco, além de mudar o desenho da pesquisa “restringindo-a” a apenas um grupo dos sete propostos inicialmente, alterando o objeto empírico, modificou também o objetivo (ou a questão) da pesquisa, que se tornou: masculinidades na AAA UFSCar, e a rivalidade desta última com o CAASO.

---

<sup>7</sup> CAASO é a sigla do Centro Acadêmico Armando Salles Oliveira, o órgão representativo de todos os alunos e alunas de graduação da USP *campus* de São Carlos, mas também como, praticamente todos, os e as estudantes da UFSCar e da USP São Carlos se referem à mesma instituição. Assim como a UFSCar é, na maioria das vezes, referida simplesmente como “Federal”.

<sup>8</sup> Rivalidade que remonta aos anos de 1970, apesar de as primeiras edições da TUSCA terem ocorrido no final da mesma década e início da seguinte.

## 1.1 A RIVALIDADE ENTRE FEDERAL E CAASO



FIGURA 1: Logo da XXXII TUSCA

Fonte: <http://nettickets.com.br/tusca-2011>, acesso em agosto de 2012.

“(…) a AAA existe por causa da TUSCA, (…) para manter a rivalidade entre as instituições [UFSCar e CAASO/USP campus São Carlos]”, disse-me uma vez Paulo<sup>9</sup>, um rapaz de 23 anos proveniente de São Carlos, que no momento da entrevista cursava seu quarto ano de graduação em Engenharia de Materiais e era vice-presidente da AAA. Destaco esse trecho da entrevista logo de início, pois a rivalidade entre “Federal” (ou UFSCar) e CAASO será o eixo da análise aqui proposta. E para exemplificá-la, apresento os hinos, que são sempre entoados pelos alunos e alunas de ambas as instituições quando estes/as se encontram em competições esportivas, e, algumas vezes, até mesmo em festas.

O hino da UFSCar:

“Se você  
Está a fim  
De estudar e se divertir  
Eu conheço um lugar,  
Você não vai resistir!  
O Luau é animal!  
E no TUSCA  
Sempre a Mil!  
Vem curtir na Federal,

<sup>9</sup> Por uma questão de ética de pesquisa, troquei o nome de meus colaboradores e colaboradoras de pesquisa por outros fictícios.



A melhor do meu Brasil!  
A Federal,  
Não é fraca não.  
Só tem gostosa e gostosão.  
E na bosta do CAASO,  
Só tem PUTA E CUZÃO!  
CAASO, CAASO,  
Vai tomar no cu, filho da puta!  
Ô ÔÔÔÔÔ ... Federal!  
Ô ÔÔÔÔÔ ... Federal!  
Eu sou Federal  
Com muito orgulho,  
Com muito amor.  
Vai...  
Tomar no cu, CAASO.  
Sou Federal, o seu terror”<sup>10</sup>

O hino do CAASO:

“Nós somos lá de São Carlos  
Viemos aqui pra zonear  
No esporte nós somos bosta  
Nosso negócio é a cachaça  
E mesmo que nós não ganhe  
Que nós apanhe,  
Vamos brindar  
A comida da diarreia  
E as mulheres dão gonorréia  
A pinga queremos com limão  
Mulheres com muito mais tesão  
Porém se a EESC amada  
Precisar da macacada  
Putá merda que cagada  
Como é legal  
Calcular a integral  
Mesmo sem grafite  
Calculamos o limite  
Amor de graça  
Pela cachaça  
Não há quem possa  
Com a turma nossa  
Engenharia U-S-P!  
CAASO!  
CAASO!  
Botando pra fudê!”<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Transcrito pelo pesquisador.

<sup>11</sup> Fonte: <http://www.caaso.org.br/int.php?mid=3&sid=22&hid=1>

Antes de incorrer em qualquer análise dos conteúdos dos hinos apresentados acima, penso ser necessário fazer uma breve apresentação da UFSCar e da USP *campus* São Carlos, algo que auxiliará o entendimento dos conteúdos e, por conseguinte, a análise.

A UFSCar<sup>12</sup>, fundada em 1968<sup>13</sup> na cidade de São Carlos - SP é uma das únicas universidades federais do Estado de São Paulo (ao lado da UFABC e da UNIFESP) e a única instituição federal de ensino superior sediada no interior do estado. A mesma possui três *campi*. O *campus* sede da UFSCar fica em São Carlos, município localizado a 235 km da capital do Estado. Nele estão concentrados 37 dos atuais 57 cursos de graduação presencial<sup>14</sup>, 30 dos 33 departamentos e 28 dos 37 programas de pós-graduação, pertencentes a três Centros: de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), de Ciências Exatas e de Tecnologia (CCET) e de Educação e Ciências Humanas (CECH). O *campus* de Araras, cidade 94 km distante de São Carlos (e 170 km da capital), fundado em 1991, e que abriga o Centro de Ciências Agrárias (CCA) é formado por três departamentos, responsáveis por seis cursos de graduação e dois cursos de pós-graduação. Já o campus de Sorocaba, localizado próximo ao km 100 da rodovia João Leme dos Santos (SP-264), fundado em 2005, abriga o Centro de Ciências e Tecnologias para a Sustentabilidade (CCTS), e oferece 14 cursos de graduação e sete programas de pós-graduação.

A USP<sup>15</sup> começou a ser implantada em São Carlos no ano de 1948, com a criação da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), mas iniciou suas atividades somente cinco anos depois, com a primeira aula proferida no início do ano de 1953. Hoje, a instituição conta com dois *campi* (ambos na cidade de São Carlos), onde são ministradas as aulas dos 22 cursos de graduação e 15 programas de pós-graduação, que por sua vez, estão divididos em cinco unidades de ensino: Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC), Instituto de Física de São Carlos (IFSC), Instituto de Química de São Carlos (IQSC), e o Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU). O *campus* da USP em São Carlos é caracterizado pela predominância dos cursos de Ciências Exatas, ou seja, Engenharia, Química, Física, Matemática e Computação. A única exceção é Arquitetura

---

<sup>12</sup> As informações aqui apresentadas foram obtidas a partir do sítio eletrônico da instituição (<http://www2.ufscar.br/aufscar/auniversidade.php>; <http://www.ufscar.br/~spdi/index.php>).

<sup>13</sup> Apesar de fundada em 1968, foi apenas em 1970 que a universidade recebeu seus primeiros 96 alunos e alunas para os cursos de Licenciatura em Ciências, que posteriormente foi extinto para a criação da graduação em Ciências Biológicas; e Engenharia de Materiais, o primeiro da América Latina.

<sup>14</sup> Desde 2007 a Universidade também oferece cinco cursos (de graduação) de Ensino a Distância (EaD).

<sup>15</sup> As informações a seguir foram colhidas no próprio sítio eletrônico da instituição: [http://www.saocarlos.usp.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=61&Itemid=87](http://www.saocarlos.usp.br/index.php?option=com_content&task=view&id=61&Itemid=87) e [http://www.saocarlos.usp.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=128&Itemid=158](http://www.saocarlos.usp.br/index.php?option=com_content&task=view&id=128&Itemid=158).

e Urbanismo, pertencente à área das Ciências Humanas. E, diferentemente da UFSCar, a USP não possui nenhuma política de inclusão/ações afirmativas. Outra diferença notável é a distribuição dos cursos por área de conhecimento, enquanto a USP *campus* São Carlos possui 21 de seus cursos na área de Ciências Exatas e apenas um na área de Ciências Humanas, a UFSCar *campus* São Carlos possui 17 cursos na área de Ciências Exatas, 10 cursos na área de Ciências Biológicas, e 10 cursos na área de Ciências Humanas.

Voltando aos hinos, o primeiro ponto que gostaria de destacar em relação aos hinos das duas instituições, é que apesar de eu desconhecer a data exata em que cada um deles foi criado, acredito que o hino do CAASO é mais antigo do que o da UFSCar, e um indício disto é o fato de que a USP foi implantada quase 20 anos antes da UFSCar na cidade de São Carlos<sup>16</sup>.

O segundo ponto, muito provavelmente derivado do primeiro, mas não somente, é o fato de que é explícito no hino da UFSCar a necessidade desta se definir em relação ao CAASO. Isto fica patente na quantidade de vezes em que o nome da instituição rival é proferido em seu hino, quatro vezes!

Junto disto, a necessidade de no hino da UFSCar ela precisar ser colocada em evidência enquanto uma universidade de excelência acadêmica (tanto quanto a USP), como evidencia-se nas sentenças “*a melhor do meu Brasil!*”, “*A Federal não é fraca não*”, e ainda, logo na primeira frase, “*Se você está afim, de estudar (...)*”. Ou seja, na UFSCar, além da diversão, também é possível estudar com qualidade.

Entendo esta necessidade como um pressuposto de inferioridade (e uma tentativa de equiparação) em relação ao CAASO, seja pelo fato deste último ser mais antigo, ou pelo prestígio/fama que a USP goza frente às demais instituições de ensino superior no Brasil.

Já o hino do CAASO, apesar de não fazer nenhuma menção, muito provavelmente foi criado/pensado em relação à Escola Politécnica (Poli) da USP *campus* São Paulo, a escola de engenharia da USP que existe desde 1893. Um indício desta possível relação está nas sentenças “*(...) a EESC amada*”, e “*Engenharia U-S-P! CAASO! CAASO!*”, esta última colocando o CAASO/EESC como a principal escola de engenharia da USP e não a Poli, que é muito mais antiga e prestigiada. O que, por sua vez, é corroborado por outro grito

---

<sup>16</sup> Tal fato, pode também explicar o porquê na cidade de São Carlos a UFSCar é, na maioria das vezes, chamada de Federal, algo *sui generis* da realidade sancarlense. Essa seria uma maneira de se referir a instituição (também pública) sem confundir-la com a Estadual, que foi implantada antes.

de guerra provocativo dirigido ao CAASO, pelos seus rivais, nos eventos esportivos: “*Uh! Quintal da Poli!*”.

Desta relação inferioridade-superioridade sugerida a partir dos hinos das instituições em questão, pode-se levantar a ideia de generificação das mesmas, pois os estudos de gênero, desde seu início, colocam em discussão a estrutura binária a partir da qual a masculinidade e a feminilidade são construídas de maneira relacional. De forma de que o feminino é sempre alocado no polo de inferioridade, por exemplo, como fica expresso nos seguintes binômios: feminino-masculino, inferior-superior, emoção-razão, natureza-cultura, pobreza-riqueza, homossexualidade-heterossexualidade, etc. (SEDGWICK, 1985:20) Assim, a necessidade da UFSCar tentar se equiparar ao CAASO em seu hino, reflete um pressuposto de feminilidade de sua parte, e uma tentativa de se masculinizar perante o CAASO, visto como masculinizado de início: Federal “terror” do CAASO.

Tal generificação das instituições presente nos hinos, para além da relação inferioridade-superioridade pautada nas categorias de idade e prestígio, se assenta também, de uma maneira mais explícita, no fato de que a UFSCar possui muito mais mulheres do que o CAASO, algo diretamente relacionado ao fato da primeira possuir muito mais cursos que são culturalmente entendidos como mais femininos ou menos masculinos, como é o caso dos cursos da área de Humanas e, principalmente, os cursos da área de Biológicas, especialmente aqueles ligados aos cuidados, como por exemplo, Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Enfermagem e Gerontologia. Enquanto o CAASO possui muitos mais cursos de Exatas, área culturalmente considerada mais masculina, principalmente em relação aos cursos de engenharia. O que se nota também por nos hinos do CAASO o sujeito (o corpo discente) sempre se expressar a partir da posição masculina, heterossexual e racional.

Esta última observação é corroborada pelos seguintes hinos<sup>17</sup>, por parte do CAASO:

Hino da Arquitetura:

“Não passei na FAU<sup>18</sup>  
Arquiteto é Gay  
No Capacitation  
Arquiteto é Gay  
In Saint Charles stay  
Arquiteto é Gay  
I desenhar mal

<sup>17</sup> Fonte: <http://www.caaso.org.br/int.php?mid=3&sid=22>

<sup>18</sup> FAU é a sigla da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP *campus* São Paulo.

Arquiteto é Gay  
Mas cozinhar eu sei  
Arquiteto é Gay  
Came form in cinc  
Arquiteto é Gay  
Em algum desses Day  
Arquiteto é Gay  
Arquiteto é Gay”

Hino Garota da TO<sup>19</sup>:

“Olha que coisa peluda fedendo cachaça  
Ela faz TO na beira da estrada<sup>20</sup>  
Tá indo pro CAASO pra se arranjar  
Moça da perna peluda  
Da bunda amassada  
Dos peito caído  
Barriga estufada  
Hoje bebi pouco  
Não vai rolar nada  
Ah, a noite vai passando  
Ah, e eu me embebedando  
Ah, a mocréia desfilando  
Eu fiquei quieto no cantinho  
Pretendia ir embora sozinho  
Mas quando acordei e a peluda ao meu lado  
Jurei pra meu Deus não ficar mais chapado  
Mas sexta que vem já tou recuperado”

O primeiro hino é interno, uma tentativa da maioria uspiana, formada por engenheiros, de expiar a homossexualidade do campus. A sentença “*Arquiteto é Gay*” somada às palavras em língua inglesa, denotando sofisticação ao invés de brutalidade, aqui em direta relação com a feminilidade expressa na sentença “*Cozinhar eu sei*”, retrata a necessidade de afirmar a repulsa e,conseqüente, distinção das engenharias e outros cursos das ciências exatas em contraponto ao único curso de Humanas da instituição: Arquitetura. (Ou “Aquiternura”, como o mesmo é referido pelos próprios uspianos).

Uma colaboradora de pesquisa, que frequentou o circuito universitário de São Carlos em meados dos anos de 1980, me relatou que nesta mesma época havia uma pichação nos arredores do prédio de aulas do curso de Arquitetura que dizia algo como: “*Arquitetura é*

---

<sup>19</sup> Hino executado no ritmo da canção Garota de Ipanema, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes.

<sup>20</sup> “Beira de estrada” faz referência à localização territorial do *campus* da UFSCar na Rodovia Washington Luiz em contraposição à localização da USP, que se encontra mais próxima do centro da cidade de São Carlos e rodeada de áreas consideradas de alto valor imobiliário.

*curso de quem não é homem o suficiente pra fazer Engenharia Civil e nem mulher o suficiente pra fazer Decoração!”.*

Tal afirmação nos remete a duas conceituações fundamentais da Teoria *Queer*. A primeira refere-se ao *continuum* “sexo/anatomia – gênero – desejo – práticas sexuais” formulado por Butler (2003: 38-39) que ajuda a dar sentido e fixidez ao binário “hetero/homo”, pois naturaliza o desejo enquanto heterossexualizado. Ou seja, homens e mulheres “de verdade” devem corresponder aos respectivos *continuum*:

QUADRO 1: Matriz heterossexista por Butler, 2003

<b>Sexo/Anatomia</b>	<b>Gênero</b>	<b>Desejo</b>	<b>Prática</b>
Pênis	Masculino	Feminino	Ativa
Vagina	Feminino	Masculino	Passiva

Os sujeitos que transgridem/cruzam quaisquer umas destas linhas de coerência entre sexo/anatomia – gênero – desejo – práticas sexuais, supostamente naturais, são socialmente concebidos como desviantes e reiteradamente anormalizados, por meio dos discursos e práticas correntes, sendo arbitrariamente deslocados para o *continuum* oposto, restabelecendo, assim, a fixidez e o pretense sentido da matriz heterossexual (heterossexista). Em suma, um sujeito anatomicamente equipado com um pênis que transgride com o sentido da referida matriz é automaticamente deslocado para o campo da homossexualidade, que neste caso será também o feminilidade e passividade. O mesmo aconteceria com um sujeito anatomicamente equipado com uma vagina, só que neste caso os termos da homossexualidade seriam também o da masculinidade e atividade. O que, por sua vez, faz com que estes sujeitos sejam compreendidos socialmente como bizarros, ou melhor, inferiores.

A segunda conceituação trata da argumentação elaborada por Sedgwick (1985) em *Between Men*, que estará presente, como fio condutor, em toda análise deste estudo. Segundo a autora, a constituição social do machismo/sexismo é simultânea a da homofobia por meio de dispositivos atuantes desde a infância dos homens, consolidada pela relação entre si, denominada por ela de “homossociabilidade”, a qual afirma a superioridade masculina e heterossexual por meio de discursos e práticas misóginas. Ou seja, a reprodução da

inferioridade e repulsa do feminino é o que dá sentido a masculinidade e heterossexualidade enquanto normal e prestigiada.

Sendo assim, a pichação e o hino referentes ao curso de Arquitetura, demonstram, ao mesmo tempo, que a inferiorização e repulsa do feminino em oposição a masculinidade heterossexual reforçam os binarismos e lógicas que lhes dão sentido. Dito de outro modo, Arquitetura é um curso feminilizado por não ser da área de exatas, porém há muitos homens em suas turmas, o que é socialmente incoerente em razão da lógica naturalizada pela matriz heterossexista. Tal incoerência, portanto, é forçosamente tachada de anormal, ou melhor, homossexual.

O segundo hino, dirigido às alunas do curso de Terapia Ocupacional (TO) da UFSCar, fundado em 1978 e usualmente frequentado por mulheres, no qual as mesmas são totalmente desqualificadas, mas ainda “servem” para cumprir a principal função da Federal em relação ao CAASO, como consta em texto no sítio eletrônico do último: “*fornecer a mulherada*”<sup>21</sup>.

Tal hino muito possivelmente remonta, pelo menos, à década de 1980, pois me foi dito pela mesma colaboradora que me relatou a pichação sobre os Arquitetos do CAASO, que naquela mesma época a granja localizada na Rodovia Washington Luiz a apenas alguns quilômetros da UFSCar se chamava Granja ITO, o que gerava um trocadilho em relação às alunas do curso de TO comparando-as a galinhas que vinham do Instituto de Terapia Ocupacional. Esta animalização do feminino denota falta de racionalidade, algo que supostamente seria uma característica masculina e própria dos alunos do curso de exatas, grande maioria uspiana como dito acima.

Vale ressaltar que a maior presença de mulheres da UFSCar gera certa ambiguidade no que diz respeito a generificação das instituições, pois, se por um lado, este fato serve para feminilizar a UFSCar, por outro, ele se presta a garantir a masculinidade também, porque ajuda a heterossexualizar a instituição, como fica patente no seguinte grito de guerra da federal dirigido ao CAASO que “carnifica” as mulheres:

“Aqui tem mais mulher! Aqui tem mais mulher!  
Aqui só tem filé! Aqui só tem filé!  
Aqui é mais legal! Aqui é mais legal!”

---

<sup>21</sup> <http://www.caaso.org.br/int.php?mid=5&sid=16&gid=17>

O assunto dos hinos foi inicialmente levantado para atestar a rivalidade entre as instituições, mas a partir do mesmo é possível entender alguns dos termos em que essa rivalidade se dá, num processo que generifica e sexualiza as duas universidades.

Gostaria de deixar claro que este movimento de generificação e sexualização das universidades é algo que permanece em aberto e em constante disputa, apesar do CAASO parecer estar em vantagem. (Ou seja, possuir e manipular atributos que lhe afirmam a masculinidade/superioridade: Ser a instituição mais antiga, mais racional/exata, com mais presença de homens, etc.) Mas, se é incerto o lugar que cada universidade ocupa nesta disputa, os termos utilizados para definir quem perde estão dados, são os do feminino, que é também o da homossexualidade, da passividade e submissão:

“(nome da universidade rival) XUPA! (2x)  
(nome da universidade rival) Vai pra puta que o pariu! Í Ó!”

Ainda sobre os hinos<sup>22</sup>, que dão uma boa pista em que sentido as masculinidades são construídas no interior da AAA UFSCar, quero fazer uma última consideração. Todos os hinos e gritos de guerra transcritos acima são entoados tanto por estudante homens como por estudantes mulheres, mas ao analisá-los como um todo, parece que a rivalidade, no fundo, não é entre as instituições, mas sim entre os homens dessas universidades.

Logo no primeiro contato dos/as estudantes com a universidade, ou seja, a matrícula, a AAA já está presente. Em fins de janeiro de 2012 pude acompanhar alguns de meus colaboradores de pesquisa durante manhã (das nove ao meio dia) e tarde (das duas as cinco) nos dois dias de matrículas para os cursos de graduação da UFSCar. Dentre as várias tendinhas de plástico montadas no gramado em frente a um dos prédios de aulas onde se realizavam as matrículas, nas quais veteranos e veteranas de praticamente todos os cursos da universidade esperavam seus calouros/as para realizar o trote, estava armada a tenda da AAA, facilmente identificável primeiro por ostentar o “bandeirão”<sup>23</sup> (sic) da associação e depois pelo seu tamanho. Com estrutura de metal, teto de lona, e equipada com sofá, geladeira, som

---

<sup>22</sup>Retomo brevemente mais adiante.

<sup>23</sup> Bandeira da associação que é levada para as competições esportivas. De grandes dimensões e feita nas cores vermelho e branco (cores da AAA UFSCar), leva estampada: o símbolo da AAA, uma letra “a” estilizada ; o mascote da UFSCar, um dragão; e a sigla XCS, que significa Xupa CAASO Sempre, e está presente em todos os produtos vendidos pela associação (camisetas, canecas e kits de torcida vendidos para os torneios).



próprio, e uma mesa que expunha os troféus e medalhas conquistados pela associação em competições esportivas, itens para venda (camisetas e canecas), e uma televisão que exibia um vídeo de fotos dos eventos já realizados e dos que estão por vir, a tenda da AAA chamava bastante atenção e era frequentemente visitada pelos recém-calouros/as, muitos dos quais acompanhados/as de seus pais.



FIGURA 2: Bandeirão da AAA

Fonte: <http://www.atleticaufscar.com.br/>, acesso em agosto/2012.

Dentro e nos arredores da referida tenda estavam meus colaboradores de pesquisa, nove rapazes e uma garota, tirando dúvidas sobre a associação e suas atividades e, entregando o InformAAAtivo<sup>24</sup>, um folder produzido pela AAA, no qual, após breves parágrafos de saudação aos/às calouros/as (ou melhor, “bixarada”<sup>25</sup>), e apresentação da associação, encontra-se o tópico “Fique por dentro” que começa com a seguinte frase: “Quando falamos em CAASO, se ligue, mande imediatamente um xupa! Trate-se do campus da USP de São Carlos.”. Portanto, já no seu primeiro contato com a universidade, os alunos e alunas recém-matriculados/as tomam conhecimento da rivalidade entre as duas instituições e são interpelados/as a tomar posição na disputa.

<sup>24</sup> Edição 10 – Janeiro/2012. Anexo 1.

<sup>25</sup> Muito raramente os/as veteranos/as se referem a seus calouros/as com este último vocábulo, na maioria das vezes (se não todas), o termo utilizado é “bixo” e/ou “bixete” para homens e mulheres respectivamente. Creio que isto é uma realidade nacional e se presta para marcar uma suposta hierarquia entre calouros/as e veteranos/as.

Além dos tópicos de saudação, apresentação da AAA e “Fique por dentro” que dá as primeiras instruções sobre como se tornar um/a atleta da Federal, encontram-se também outros tópicos, dentre os quais destaco: “Conquistas de 2011”, onde estão listadas as colocações da UFSCar nos torneios esportivos disputados no referido ano; “A TUSCA”, breve apresentação do torneio, mas já destacando sua importância e reiterando a rivalidade com o CAASO, que é citado em letras minúsculas e seguido de um “(XUPA!)”; e, por fim, o “Hino da Federal”.

Dos dez colaboradores presentes nestes dois dias de matrículas, que, vale lembrar, ocorre durante o período de férias escolares, cinco são habitantes da própria cidade de São Carlos, onde moram com a família e estavam passando as férias; já os outros cinco são originários de cidades próximas como Araraquara e Ribeirão Preto, onde passavam suas férias, moram em repúblicas em São Carlos durante o período letivo e haviam se deslocado até a cidade apenas para auxiliar nas atividades da associação. Dentre os cinco são-carlenses presentes estava Fernando, um rapaz de 25 anos, loiro de olhos verdes, estatura mediana, corpo levemente malhado, roupas de grife, e prestes a cursar o seu quinto ano de Fisioterapia. Fernando, que além de mim, era o único que não trajava camiseta da associação, em determinado momento me disse que estava lá apenas para “conferir as bixetes [calouras]”: *“Olha só a bunda daquela ali!”*.

Iniciando o ano letivo, usualmente em fins de fevereiro e início de março, e com ele a chegada das bixetes e dos bixos, a AAA já se faz presente novamente na vida dos/as estudantes. Pois, logo que começam as aulas a associação começa a divulgar convocatórias aos/às ingressantes para participarem das “peneiras”<sup>26</sup> para a Tusquinha, um pequeno torneio esportivo disputado entre Federal e CAASO, que acontece logo no segundo mês de aulas, no qual participam apenas os/as calouros/as das duas instituições, e que simula e tem como nome o diminutivo de TUSCA (Taça Universitária de São Carlos), o maior e mais importante evento esportivo/festivo organizado conjuntamente pelas Atléticas das respectivas universidades.

Depois de acompanhar duas edições da TUSCA, pude perceber que a Tusquinha é como que um ensaio para a TUSCA. O torneio ocorre em dois dias e nele são disputadas quatro modalidades: handebol, basquetebol, voleibol e futsal (esportes praticados em quadras), nas categorias femininas e masculinas, em apenas uma partida cada, como se fossem as finais do torneio. E é justamente este “clima de finais” que ajuda a dar o tom do

---

<sup>26</sup> Seleção dos/as melhores atletas para compor as equipes da universidade.

evento: rivalidade. No primeiro dia os jogos acontecem no ginásio do CAASO (handebol e voleibol, tanto feminino como masculino), e no segundo dia no ginásio da Federal (basquetebol e futsal, feminino e masculino). Ao mesmo tempo em que os jogos estão acontecendo, tal como na TUSCA (que apresento a seguir), do lado de fora dos ginásios são montadas tendas “festivas”, ou seja, toca-se música e vendem-se bebidas.

Argumento que a Tusquinha se configura como um ensaio para a TUSCA, pois, guardadas as devidas proporções, nela estão presentes os mesmo elementos que compõe a TUSCA<sup>27</sup>, mas numa escala menor: festas (me refiro aqui às tendas); e jogos com a presença das torcidas: rivalidade nas quadras e nas arquibancadas. Realizei incursões nos jogos (e tenda) que aconteceram na Federal durante a Tusquinha de 2011, na última semana do mês de Abril. Dentro do ginásio, nas arquibancadas lotadas, de um lado estava a torcida do CAASO, nas cores amarelo e preto; e do outro lado a torcida da Federal, nas cores vermelho e branco. Ambas as torcidas contavam com bateria (estilo escola de samba) que dava os ritmos dos hinos e gritos de guerra entoados. Foi neste dia que transcrevi a maior parte dos hinos e gritos de guerra. Apresento mais alguns:

Entoado por alunos e alunas da Federal:

“Aqui tem mais mulher! Aqui tem mais mulher! (4x)  
Aqui só tem filé! Aqui só tem filé! (4x)  
Aqui é mais legal! Aqui é mais legal! (4x)”

Réplica dos alunos e alunas do CAASO:

“Federal, como é que pode?  
As suas minas nós que fode! (repetidas vezes)”

E por fim a tréplica dos alunos e alunas da Federal:

“CAASO, como é que pode?  
Suas minas tem bigode! (repetidas vezes)”

Outro grito que vi ser entoado pela torcida da UFSCar dirigido ao CAASO/USP em ritmo de marchinha de carnaval foi o seguinte:

---

<sup>27</sup> Com a exceção do Corso, primeira festa da TUSCA, que descrevo a seguir.

“Olha no CAASO tem mulher.  
Será que ela é? Será que ela é? PUTA! (2x)  
Será que ela é barriguda? Será que tem pelo no pé?  
Parece que é prostituta, por isso nenhum homem quer!  
Chuta o saco dela! Chuta o saco dela! (2x)”

Os hinos acima convergem com o já discorrido teoricamente (BUTLER, 2003; SEDGWICK, 1985) acerca dos discursos de masculinidades serem construídos por meio de uma intensa carga simbólica de misoginia, machismo, sexismo e homofobia.

Tais gritos e performances somados às análises críticas *queer* colaboram na compreensão de como tais dispositivos<sup>28</sup> são recebidos, incorporados e reproduzidos pelos sujeitos imersos nos contextos aqui descritos. Como demonstra o depoimento de uma colaboradora, que ingressou na UFSCar, em 2002, no curso de Ciências Sociais e participou como atleta de duas modalidades, basquete e handebol, na Tusquinha do mesmo ano:

“Eu sempre fui atleta, jogo basquete desde os 11 anos. Joguei na Federação Paulista de Basquete durante meu colegial e quando cheguei na Federal logo me empolguei em participar dos campeonatos. O Tusquinha foi minha estréia em jogos universitários e eu nunca vou esquecer aquela noite. Não foi exatamente a multidão que me impressionou, até porque eu já estava acostumada com a pressão das torcidas. O que me perturbou foram os xingamentos que faziam o tempo todo. Além dos gritos de guerra que acabavam com a gente, eles também faziam ofensas pessoais. Eles chamavam pelo número da camisa e gritavam “Número nove sacuda!”, “Número nove, você é bigoduda e peluda!”, “A número nove não é mulher!”... Eles faziam isso com as atletas que mais se destacavam no jogo e por mais que eu soubesse que era meu bom desempenho que os incomodavam e motivavam, aos dezoito anos, recém chegada na universidade, eu só queria morrer naquela quadra! Eu lembro exatamente, como se fosse agora, eu me preparando para os arremessos livres e ouvir alguns caras da torcida do Caaso me chamarem de peluda, sapatão, mulher-barbada, etc... Aquilo me deixou tão transtornada que eu parei tudo e conferi se minhas pernas estavam depiladas!...” – Theresa, Ciências Sociais, Turma 2002.

As palavras de Theresa não são apenas reveladoras, elas também confirmam as hipóteses levantadas até aqui. Ou seja, as relações de gênero são hierarquicamente

---

<sup>28</sup> Uma rede estabelecida ente um conjunto decididamente heterogêneo de elementos, que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (FOUCAULT, 1979, p.244).

estabelecidas pela desvalorização e humilhação do feminino, dinâmica esta fundamentada nas associações naturalizadas e pressupostas pelo binário “hetero/homo”.

Os dados por mim coletados sob o crivo da ótica *queer*, instigam-me a afirmar de modo cada vez mais confiante que os universitários estudados, sejam homens ou mulheres, vivem e convivem sob a constante ameaça de terem a sua normalidade sexual, ou melhor, sua heterossexualidade questionada e negada a qualquer momento.

## 1.2 A TAÇA UNIVERSITÁRIA DE SÃO CARLOS (TUSCA)

A AAA é responsável por organizar/administrar<sup>29</sup> todos os treinos das modalidades esportivas presentes na UFSCar, assim como levar os/as atletas para competições fora da Universidade como a Liga Universitária Paulista e torneios específicos de determinadas modalidades. É responsável pela organização de competições esportivas dentro da Universidade como o Intercursos<sup>30</sup>, pelo TUFSCar (Torneio Universitário de São Carlos), no qual participam a UFSCar e mais 3 Universidades convidadas, e pela famosa TUSCA (Taça Universitária de São Carlos) organizada junto da atlética do CAASO, na qual participam a UFSCar, o CAASO (USP São Carlos) e (a partir de 2010) mais quatro universidades convidadas.

É consenso entre os membros que a TUSCA é o evento mais importante organizado pela associação, tanto pela dimensão que ele vem assumindo quanto pela rivalidade com o CAASO como me relatou Fernandinha:

“(…) A TUSCA atualmente é um grande evento universitário, que inclui alguns dos shows mais bonitos (se não os mais) que a cidade de São Carlos abriga durante o ano. Mas o que eu mais gosto da TUSCA são os jogos e a garra e disposição que vemos nos atletas da federal e outras universidades para fazer um bom jogo e levar a taça para casa”.

Ainda nas palavras dela:

“A TUSCA é a Taça Universitária de São Carlos. É um torneio organizado por estudantes das 2 atléticas (UFSCar e USP). O torneio, que já era grande, “ganhou” duas novas universidades nas últimas duas edições[2010 e 2011], o que tornou o torneio ainda mais competitivo. A Taça começa na quinta-feira com o CORSO, uma festa a céu aberto com muita música e diversão (..). Atualmente esta festa tem passado por reformulações, para se adaptar a quantidade de pessoas que vem para a cidade nesta data. A caminhada chega na “Festa de Chegada” onde novos cantores animam a noite. Durante a sexta e o sábado, há jogos de todas as 22 (acho que é esse numero) modalidades que participam do torneio – entre elas handebol, futsal, vôlei, basquete e futebol, mas também as lutas, como judô, jiu, karate e taekwondo, e outros esportes (tênis de mesa, beisebol, atletismo, e por ai vai). Durante a tarde há também duas tendas em cada uma das

---

<sup>29</sup> Isto inclui contratação e pagamento de técnicos e aquisição de materiais esportivos solicitados pelas equipes, organização de viagens para competição e acompanhamentos dos torneios que as equipes participam fora da Universidade.

<sup>30</sup> Torneio entre equipes formadas pelos cursos da Universidade.

universidades. Domingo acontecem as finais no Ginásio Milton Olaió Filho, um importante ginásio de São Carlos, também com tenda. Enfim, são dias de diversão e integração, com um elevado nível técnico e uma eterna rivalidade entre o vermelho-e-branco [cores da UFSCar] e o amarelo-e-preto [cores do CAASO].”.

A TUSCA, de certa forma, pauta todo o calendário anual da AAA. Como se todos os outros (micro)eventos, sejam esportivos ou festivos, não passassem de uma preparação para o grande evento. Tanto para arrecadar dinheiro como é o caso das festas, quanto para treinar as equipes: “Como assim os nossos times vão chegar na TUSCA sem ter disputado outro torneio?”, disse um dos diretores de esportes, numa reunião ordinária da associação, durante a discussão de uma pauta que devia decidir se o TUFSCar do ano de 2011 aconteceria ou não devido a um problema de estabelecer uma data para a realização do evento<sup>31</sup>. Tal ideia de um evento (a TUSCA) pautar todo cotidiano da associação, remete às análises de Veena Das (2007) sobre os grandes eventos de violência ocorridos na Índia que pautaram o cotidiano das pessoas que ela estudou em seu trabalho etnográfico.



FIGURA 3: Corso

Fonte: <http://www.agitosao carlos.com.br/coberturas/tusca---corso/10>

---

<sup>31</sup> No ano de 2011 o TUFSCar, que normalmente acontece durante o primeiro semestre letivo, teve que ser adiado para o segundo por conta deste problema.

No ano de 2010 acompanhei a trigésima (XXX) edição do evento como expectador, e em 2011 ajudando na organização junto da AAA. No primeiro dia de torneio (sempre numa quinta-feira) acontece a festa de abertura, o Corso, que consiste em um “esquentão”<sup>32</sup> com trio-elétrico tocando os ritmos de Pagode, Axé e Sertanejo (ou seja, uma festa no estilo micareta/carnaval fora de época) que sai da USP e tradicionalmente iria até a UFSCar terminar numa grande festa, mas por conta de um veto do Reitor (Newton Lima) da UFSCar em 2004, o percurso não acaba mais na UFSCar e sim num lugar locado pela mesma universidade.

Em 2010, a festa terminou numa área na Avenida Bruno Ruggiero nas imediações do bairro Romeu Tortorelli, região bem afastada da “vida estudantil”. Neste mesmo ano, na manhã seguinte da festa, que reuniu cerca de 30 mil pessoas, foi encontrado o corpo de um estudante no córrego da Avenida Trabalhador São-Carlense próximo a USP<sup>33</sup>. Devido à morte do rapaz, as atividades do torneio foram suspensas na sexta-feira (12/11/2010), estendendo o torneio até a segunda-feira (15/11/2010, feriado nacional da Proclamação da República). Foi a primeira vez que aconteceu algo tão trágico durante o evento, mas não a única, pois em 2011 outro rapaz morreu durante o evento e uma mulher foi atropelada por outro rapaz que voltava de uma das festas do evento. Tais eventos resultaram na proibição do Corso pela prefeitura da cidade<sup>34</sup>.

A notícia do segundo falecimento chegou para os membros da associação minutos antes da micareta, estimada em 30 mil pessoas. Um intenso clima de tensão e tristeza tomou conta do cenário quase que instantânea e coletivamente. Todas as garotas choraram. A presidenta, já ciente de que seria indiciada como responsável pelo evento, como ocorrido com o presidente no ano anterior, ficou chocada e logo foi cercada pelos outros membros. Após alguns minutos, uma reunião extraordinária foi convocada e sob a liderança da presidenta, toda equipe organizadora foi consolada e instruída a se concentrar e motivar na realidade iminente: mais de 30 mil pessoas estavam a caminho, querendo uma festa. Depois de um “Pai Nosso” e uma “Ave Maria”, todos voltaram aos seus postos de trabalho e executaram a suas funções na festa.

Nos outros três dias do torneio acontecem os jogos e mais festas. Na sexta-feira tradicionalmente ocorrem, pela manhã, tarde e noite, jogos na USP, e a noite a festa

---

<sup>32</sup> Gíria/termo êmico para “concentração de pessoas para fins festivos”.

<sup>33</sup><http://eptv.globo.com/noticias/NOT,3,3,323542,Corpo+de+jovem+participante+do+Corso+da+Tusca+e+encontrado+em+corrego.aspx>

<sup>34</sup><http://www.viaeptv.com/epnoticia/noticias/NOT,3,3,369447,Apos+mortes+prefeito+proibe+Corso+da+Tusca+em+Sao+Carlos.aspx>



organizada pela atlética da USP, que no ano de 2010 pela primeira vez não ocorreu no próprio campus da universidade. Já no sábado, pela manhã, tarde e noite ocorrem os jogos na UFSCar, e a noite a festa organizada pela atlética da UFSCar, esta última também acontece fora da universidade, num local alugado pela atlética. E no domingo acontecem as finais dos jogos, que até 2009 aconteciam no ginásio da UFSCar, mas que a partir de 2010, devido à entrada da TUSCA no calendário oficial de eventos da cidade<sup>35</sup>, passam a acontecer no Ginásio Municipal Milton Olaió Filho, conhecido por ser um dos maiores da América Latina e já ter recebido jogos das seleções brasileiras de futsal e voleibol.

Apesar da TUSCA ser ampla e oficialmente divulgada pela associação como um evento esportivo, é patente que a motivação principal das pessoas em participar são as festas. Como demonstram os seguintes depoimentos colhidas na lanchonete Pão de Queijo da área Sul do campus da UFSCar<sup>36</sup>.

“Nunca vi um jogo inteiro do Tusca! Só as festas mesmo.” - (sic) Rapaz, estudante de Educação Física, 25 anos, 5o ano.

“Os jogos são sempre a mesma coisa, as mesmas modalidades, isso deixou o evento chato, por isso que o que importa são as festas mesmo...” – Rapaz, estudante Educação Física, 22 anos, 4o ano.

“A primeira vez que fui achei super legal, aquele mar de gente se divertindo, mas aí, participando do evento vi que era uma ‘patifaria’. Pensava que tava todo mundo unido em prol de um evento esportivo, torcendo nos jogos mesmo, mas na verdade é um monte de grupinhos querendo chamar atenção, ficando muito louco e arranjando briga.” – Rapaz, estudante de Biblioteconomia, 22 anos, 3o ano.

“É um momento de descarregar as energias do semestre, dar uma relaxada...é tipo um carnaval fora de época, mas um carnaval

---

<sup>35</sup> O projeto foi proposta na Câmara dos Vereadores da cidade no início de 2010 pelo vereador Lineu Navarro (PT), foi votado e ganhou por nove votos a um. Vale lembrar que o vereador Equimarcílias Freire (DEM), se apoiando no fato de que os estudantes cometem muitos excessos nas festividades, tentava retirar o evento da cidade já havia dois anos.

<http://www.camarasaocarlos.sp.gov.br/portal/index.php/camara-informa/690-camara-aprova-tusca-no-calendario-oficial-da-cidade.html> ; <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias/2010/156839-barba-sancionou-lei-que-inclui-tusca-no-calendario-de-eventos-do-municipio.html> ; [http://eptv.globo.com/noticias/noticias\\_interna.aspx?294648](http://eptv.globo.com/noticias/noticias_interna.aspx?294648)

<sup>36</sup> O campus da UFSCar é dividido em duas áreas, norte e sul, que são separadas pelo Restaurante Universitário (RU). A área norte é marcada pela presença dos cursos da área de exatas e é a região onde o campus se expande, o que faz com que os prédios mais novos sejam alocados nela. Talvez, essas características expliquem por que há no imaginário dos estudantes a idéia de que a área norte é mais prestigiada.

estudantil, um momento de libertação, pra aproveitar os prazeres da carne! (Risos)” – Rapaz, estudante de Matemática, 24 anos, 4º ano.

“Já tinha ouvido falar do Tusca quando tava no cursinho em Sorocaba, que em São Carlos tinha um festa grande e tal, aí logo no primeiro ano aqui, 2009, fui no Corso e me acabei de beber, fiz loucura, mas não beijei ninguém, diferente de varias amigas minhas que beijaram, sei lá, uma média de oito meninos... e fiz assim em todos esses anos... ah, gosto de sim de ver os jogos, torcer, já até fiz parte da bateria! Mas hoje em dia já nem me empolgo tanto mais com o evento, era o máximo só nos primeiros 2 anos, depois vai perdendo o sentido e também ta cada vez maior, mais perigoso...” – Moça, estudante de Fisioterapia, 23 anos, do 4o ano.

“Entrei aqui super animada com as festas, já tinha ouvido falar delas antes, mas como fui sempre tranquila, não bebia muito e nem ficava com muita gente... aí me apaixonei por um menino da AAA até q comecei a ver o quanto ele era disputado pelas meninas e comecei achar aquilo ridículo, o que me desanimou bastante a ponto de no ultimo tusca eu só ter reparado no quanto as meninas ficam bêbadas e são abusadas pelos meninos, super *trash...*” – Moça, estudante de Letras, 21 anos, 4o ano.

Por fim, acerca da TUSCA, seguem minhas observações do evento de 2010.

No dia do Corso, me dirigi até a USP/CAASO era pouco antes das 17hs e ainda fazia sol quando saí de casa, e antes mesmo de chegar a USP, já na Avenida São Carlos (uma das principais vias da cidade) encontrei um grande número de moças e rapazes em clima de festa, todos/as bebendo. Ao me aproximar de meu destino o número de pessoas na rua aumentava, até que cheguei ao local aonde a festa começava e me deparei com uma multidão enorme.

A maioria dos rapazes usava bermuda esportiva estilo praia, tênis, e camiseta. Estas últimas variavam, podiam ser abadas das universidades confeccionados especialmente para o evento (Corso) ou de outras micaretas, e as mais comuns, camisetas com as cores das universidades em disputa: UFSCar – Vermelho; USP/CAASO – Amarelo; UNICAMP – Azul; UNIFEI – Azul; UFABC – Verde, também confeccionadas especialmente para a TUSCA ou de eventos anteriores. Alguns rapazes usavam colares e outros chapéu de palha com símbolos de suas respectivas universidades. Nestes momentos iniciais eram poucos os rapazes que se encontravam sem camisa, o que se alterou um pouco durante o percurso do trio-elétrico.

Já as moças vestiam, em sua grande maioria, shorts curtos tanto jeans quanto de ginástica, tênis, e camiseta. Estas últimas seguiam a mesma linha do observado entre os rapazes, mas com um diferencial, a maioria delas era customizada pelas moças, as golas eram cortadas e o comprimento era reduzido para uma maior exposição corporal. A maioria usava acessórios como brincos, pulseiras e colares.

Um acessório em comum entre moças e rapazes no evento era a caneca presa ao corpo, e usada para o consumo de bebidas alcoólicas durante a festa. No “esquenta”, assim como no percurso do trio, é servida gratuitamente uma bebida feita pela atlética da USP que se chama cajuzinho (alguma bebida alcoólica impossível de identificar misturada com suco de cajú, o que dá o tom amarelado da bebida e a identifica com a cor da USP – Amarelo). As canecas, assim como as camisetas, levam as cores das respectivas universidades em disputa.

A maioria das pessoas estava em grupos, só de rapazes, só de moças, ou mistos, e consumia bebidas alcoólicas, que ou traziam de casa ou compravam no local da festa. Dependendo do “grau de bebedeira” as pessoas se comportavam diferentemente, as menos alcoolizadas apenas dançavam e conversavam, as mais alcoolizadas dançavam e entoavam hinos e gritos de guerra de suas universidades, e algumas já bastante alcoolizadas se encontravam caídas no chão. Muitas pessoas fumavam cigarro, e pude perceber algumas consumindo maconha. Também vi pessoas baforando lança-perfume. O clima era bem caloroso, com muitos abraços entre conhecidos, muitos casais heterossexuais se beijando e muitas fotos sendo tiradas.

Era por volta das 19hs quando foi anunciando que o trio-elétrico iria sair. Neste momento esperei toda a multidão sair para depois segui-la. Minha estratégia foi deixar o trio andar um pouco para depois acompanhá-lo, atravessando a multidão de ponta a ponta para fazer observações. No momento da saída do trio a banda que tocava pagode foi substituída por uma dupla sertaneja.

No percurso do trio, pelo que pude observar, a festa continuava como já estava no “esquenta” só que dessa vez em movimento, pois a multidão seguia o trio pelas ruas até o local final da festa. A venda de bebidas alcoólicas continuava com caminhões que acompanhavam a multidão. No meu percurso de ida do fim da multidão até o seu começo, na frente do trio, em um determinado momento fiquei próximo a um grupo de rapazes, todos vestidos com camisetas nas cores da UFSCar, de bermuda estilo praia e tênis, que comentavam entre si quantas garotas já tinham “pegado” na festa.

Num outro momento vi um rapaz (que parecia bem bêbado) “pegando” uma garota a força enquanto ela tentava se livrar dos “carinhos” dele. Essa cena se repetiu várias vezes durante o percurso, assim como outros casais se beijando consentidamente. Muitos desses beijos eram furtivos, o casal (sempre um rapaz e uma moça) se encontrava no meio da multidão, se beijavam e se separavam logo em seguida, indo cada um para um lado encontrar seus grupos ou continuar o percurso no mesmo esquema. Foi assim do fim até o começo (ou do começo até o fim) do percurso.

No sábado, fui à UFSCar acompanhar os jogos que lá ocorriam e fazer mais observações de campo. Era perto das 18hs quando saí de casa. Já no caminho até a universidade encontrei pessoas que também se dirigiam até lá, deduzi isto ao reparar nas suas vestimentas, camisetas com as cores das universidades em disputa, em sua maioria das cores vermelha e amarela, provavelmente estudantes da UFSCar e USP. Ao chegar à portaria da universidade já me assustei com a quantidade de carros em fila para entrar nos jogos. Mas logo que entrei fiquei mais assustado ainda, pois a quantidade de carros estacionados era enorme, quase desde a portaria até o lago da UFSCar, mais ou menos uns 500m, cobrindo os arredores.

Os jogos estavam ocorrendo no ginásio, o lugar estava lotado, ocupado por uma multidão de pessoas, porém bem menos do que no dia anterior, quase não havia espaços livres, pois o local também não é muito grande e as pessoas se encontravam amontoadas ao redor do ginásio, onde, de seu lado esquerdo, se encontrava uma tenda branca com armação de ferro na qual um DJ tocava música eletrônica (que não muito depois foi substituído por um grupo de pagode) e as pessoas dançavam. Do outro lado do ginásio estava o bar, onde se vendia água, refrigerante e bebidas alcoólicas (as mais consumidas – cerveja).

As pessoas estavam vestidas de maneira muito parecida do dia anterior. Só que dessa vez nem todos/as estavam de tênis, muitos rapazes usavam chinelo de dedo, e moças usavam sandálias e chinelos. Nesse dia reparei que a maioria dos rapazes presentes possuía um corpo atlético/”malhado”, diferentemente do dia anterior que tinha uma infinidade de gente e este tipo de estilo corporal não aparecia como maioria. E grande parte das pessoas usava a cor vermelho (cor da UFSCar) para gerar identificações, seja em suas vestimentas ou acessórios.

Neste dia reparei algo que não havia reparado antes, muitas pessoas procuravam se distinguir com elementos de sua vestimenta ou acessórios (camisetas, chapéus e canecas), sinalizando que faziam parte de determinado curso, bateria ou república. Em

frente ao ginásio, havia um grupo de rapazes com uma churrasqueira pequena assando carne e um isopor enorme cheio de bebidas posando como se fossem “os donos da festa”. Uma colaboradora de pesquisa, que havia feito graduação comigo e que se encontrava no mesmo local e momento que eu, me disse que aqueles eram os caras da república ‘tal’ como se podia observar pelas suas camisetas (que eram amarelas, logo eram alunos do CAASO/USP) e acessórios, e que eles possuíam certo status, pois sua república era famosa pelas festas que promovia. Aquilo era uma provocação, porque eram alunos da USP posando de donos da festa dentro da UFSCar, as principais rivais do torneio.

Depois destas primeiras observações resolvi entrar no ginásio e acompanhar um pouco o que ocorria lá dentro antes de conferir a tenda com música do lado de fora. Entrei no ginásio e acontecia um jogo de futsal feminino entre UFSCar e UNIFEI. O lado que entrei da arquibancada era o lado reservado a UFSCar e se encontrava completamente lotado, com bateria completa e muita gente torcendo. Do outro lado do ginásio estava a arquibancada reservada para os/as torcedores da UNIFEI (de azul), em número bem menor, que também tinham uma bateria. A torcida da UNIFEI era também composta por pessoas da USP (de amarelo), o que ajudava a completar os lugares vazios.

O termo “XUPA!” com certeza é o mais invocado durante o torneio como um todo, assim como nos outros dias do ano. Pois nas camisetas, usadas praticamente por todos/as, está sempre escrito, “XUPA CAASO!” ou “XUPA FEDERAL!” dependendo de qual universidade é a camiseta. Existe, inclusive, a sigla “XCS!” nas camisetas da UFSCar, que significa “Xupa CAASO Sempre!”.

Fora os gritos de guerra e hinos das torcidas das universidades, acompanhados de suas respectivas baterias, existem ofensas mais explícitas durante os jogos. Algumas pessoas (praticamente somente rapazes) ficam coladas na grade ou tela que separa a quadra das arquibancadas xingando os jogadores/as que estão em quadra. Nos jogos femininos pude observar que as ofensas vão de xingamentos como “gorda!”, “horrorosa!”, “feia!” e por aí vai, até assédios como “gostosa!”, “que pernas!”, “corre pra eu ver seus peitos balançar!” e outros. De forma que tais comportamentos geram brigas entre os rapazes das torcidas. Já nos jogos masculinos os xingamentos são aqueles de sempre, “veado!”, “bicha!”, “vai tomar no cu!” e por aí vai, e, alguns rapazes também cospem nos jogadores adversários quando estes chegam perto da linha lateral da quadra.

Os mesmo comportamentos relatados acima, assim como os hinos e gritos de guerra, repetiram-se nos outros dois jogos que aconteceram nesse dia (Basquetebol masculino

entre UFSCar e UNICAMP, e Futsal masculino entre UFSCar e UFABC). É interessante notar que a modalidade do Futsal masculino sempre figura como o último jogo do dia, e é também o último jogo do torneio, reunindo sempre muita gente que fica de fora do ginásio durante os outros jogos para assisti-lo.

Durante os intervalos dos jogos, saí do ginásio e fui conferir a tenda com música ao vivo que se encontrava do lado de fora. Quando cheguei tocava música eletrônica que foi logo substituída por um grupo de pagode, mas quando voltei pra conferir, na primeira vez tocava uma dupla de música sertaneja, e na segunda musica eletrônica novamente. As pessoas dançavam bastante. Grande parte das pessoas que estava na tenda bebia e já estava visivelmente bêbada. Muitas fumavam cigarro e pude notar algumas rodas de pessoas fumando maconha. Havia vários casais se beijando (sempre heterossexuais), e a cena de rapazes “pegando” as moças a força se repetia como se fosse algo comum, pois ninguém, exceto algumas amigas da atacada, faziam alguma coisa para impedir a agressão. Já era um pouco depois de meia-noite quando acabou o jogo de futsal masculino entre UFSCar e UFABC.

### 1.3 “QUEM VAI GANHAR ESSE JOGO?” A ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ACADÊMICA DA UFSCAR (AAA)



FIGURA 4: “Federal joga, eu vou!”

Fonte:

A Associação Atlética Acadêmica da UFSCar, a AAA UFSCar é uma associação sem fins lucrativos e voltada a promover atividades esportivas e festivas dentro da Universidade. Formada por alunos e alunas da UFSCar<sup>37</sup>, foi fundada em 1999, de acordo com um de meus interlocutores, “para melhor organizar e se preparar para a TUSCA (Taça Universitária de São Carlos), que é organizada junto com a Atlética do CAASO, a USP de São Carlos, para manter a rivalidade entre as instituições”. Rivalidade que existe desde meados dos anos de 1970. Antes de sua fundação, as atividades promovidas pela associação ficavam a cargo da diretoria de esportes do DCE que deixou de existir desde então.

Durante o período de realização de minhas observações, que se iniciaram em fins de março de 2011 e se estenderam até meados de junho de 2012, constatei que a associação se organiza e é gerenciada a partir de uma Diretoria que compreende os seguintes cargos (cada um com atribuições específicas): Presidência, uma pessoa; Vice-presidência, uma pessoa; Secretaria, duas pessoas; Tesouraria, duas pessoas; Diretoria de Esportes, quatro

<sup>37</sup> No período de realização de minhas observações apenas estudantes de graduação participam do grupo.

pessoas; Diretoria de Eventos, três pessoas; Diretoria de Marketing, duas pessoas; Diretoria de Patrimônio, duas pessoas; e os Conselheiros, quatro pessoas. O restante dos membros, ou seja, que não exercem cargos em alguma das diretorias, auxilia na realização das atividades. A mudança de diretoria (ou troca de gestão) se dá a partir de uma reunião específica/extraordinária no fim de cada ano/gestão. Foi-me dito por um de meus interlocutores que isso nem sempre ocorreu assim, e que na verdade este modelo de gestão começou em 2008, quando a AAA resolveu começar a se profissionalizar<sup>38</sup>.

Meu primeiro contato com o pessoal da AAA UFSCar se deu no dia 31 de março de 2011, quando fui a uma das reuniões semanais do grupo numa quinta-feira (dia em que ocorrem todas as reuniões ordinárias semanais). Informe-me do dia e local das reuniões através de um cartaz colado na porta da sala da AAA que fica localizada no prédio do centro convivência do DCE da UFSCar no início da mesma semana.

As reuniões ocorrem sempre ao meio dia e meia (12h30) e vão até perto de duas da tarde (14h00), horário em que começam as aulas da universidade no período da tarde. Neste dia a reunião aconteceu no “palquinho” do centro de convivência do DCE, mas em outros dias ela aconteceu na sala de projeções do mesmo centro de convivência. Cheguei ao local antes do horário marcado para reuniões e logo avistei membros da associação. A identificação foi possível, pois alguns usavam camisetas sinalizando o pertencimento ao grupo. Cheguei perto da mesa onde estas pessoas se encontravam e confirmei com algumas delas que a reunião ocorreria ali mesmo dentro de poucos minutos.

Quem me confirmou o acontecimento da reunião foi uma aluna do segundo ano das Ciências Sociais (Rafaela) que eu nem conhecia, mas que me reconheceu enquanto veterano e veio me perguntar se eu estava interessado em participar da atlética, e eu lhe disse sim, mas que meus interesses se relacionavam a minha pesquisa de mestrado. Aproveitei para perguntar a ela quem era o presidente da AAA, pois eu queria me apresentar a ele e, de certa forma, pedir permissão ou ver quais eram as condições para eu participar do grupo de acordo com meus interesses, antes de me apresentar ao grupo como um todo. Foi aí que tive a minha primeira surpresa, o presidente da atlética era uma mulher, uma presidenta<sup>39</sup>! Fiquei surpreso

---

<sup>38</sup> Exploro mais detidamente essa questão da profissionalização da associação, assim como o modelo de gestão adotado, e as atribuições de cada cargo da diretoria num tópico específico e seguinte.

<sup>39</sup> Apesar de eu me referir ao cargo (e à pessoa) no feminino: presidenta. Durante minhas incursões jamais ouvi meus interlocutores se referirem assim à mesma; usavam sempre a palavra no masculino: presidente, mesmo com o cargo sendo ocupado por uma mulher.



com este fato, porque nunca havia ouvido falar numa mulher ocupando o cargo de presidente/a da atlética, e era mesmo a primeira vez que isto acontecia<sup>40</sup>.

Fui falar com a presidente, uma aluna de quarto ano da Engenharia de Produção (Fernanda, ou Fernandinha como é chamada por tod@s muito provavelmente devido a sua baixa estatura, menos de 1,60m com certeza), e lhe expus o fato de que tinha como pesquisa de mestrado a vida universitária em São Carlos e perguntei sobre a possibilidade de realizar minha pesquisa entre o grupo. Ela prontamente disse que sim, e me pediu para fazer a mesma pergunta ao grupo no momento da apresentação dos membros novos na reunião.

Já era um pouco mais de meio dia e meia quando algumas pessoas começaram a trazer cadeiras de plástico do restaurante do centro de convivência para frente do palquinho, a reunião iria começar. Não peguei cadeira alguma e me sentei em uma das duas escadas laterais que dão acesso ao palquinho, em cima do qual ficariam sentados, como se fosse à mesa, a presidente e o vice-presidente (Paulo), aluno do terceiro ano da Engenharia de Materiais e namorado da presidente.

Vale ressaltar aqui, que o fato dos dois namorarem foi algo que demorei um pouco para perceber, pois os dois, de acordo com Paulo, combinaram entre si em não demonstrar afeto em público, seja internamente a AAA UFSCar ou em reuniões com a atlética do CAASO. Nas palavras dele: “Ela por ser mulher e por conta da relação com o CAASO, podia ser um negócio meio chato do CAASO ficar achando que tem alguma coisa errada de... sei lá, de eu estar lá porque ela colocou, por ser o namorado dela...”.

Voltando ao contexto da reunião, antes de a mesa abrir a reunião pude ouvir alguns comentários de rapazes membros da atlética sobre outras meninas: “Depois me passa o tel. da mina lá! [Risos]”, um comentou jocosamente com outro; “Entrou uma mina na EQ<sup>41</sup>!”, comentou outro em tom de ‘você precisa ver’. Isso tudo no meio da reunião, das pessoas, outros rapazes e moças. Logo em seguida a reunião começou, e a mesa pediu para quem vinha a primeira vez a reunião que se apresentasse dizendo nome e curso. Fora eu, haviam mais quatro novos membros, dois rapazes da Engenharia de Materiais e duas moças da Biotecnologia. Na minha vez, me apresentei como aluno de mestrado em Sociologia que realizava uma pesquisa entre os universitários/as, com o intuito de saber como era a vida deles/as, não mencionei nada a respeito de relações de gênero, masculinidades ou sexualidade. Disse também que estava me inserindo em outros grupos de alunos da universidade que

---

<sup>40</sup> Exploro este fato num tópico seguinte.

<sup>41</sup> EQ é a sigla para Engenharia Química

realizavam atividades extracurriculares e por fim perguntei se aceitavam que eu estivesse entre eles e elas nas reuniões com o objetivo de realizar minha pesquisa. E também que com o tempo gostaria de conversar com alguns deles/as. Todos e todas disseram que sim e não houve perguntas.

Depois disso a reunião seguiu com sua estrutura de sempre, informes<sup>42</sup> e depois as pautas<sup>43</sup> para discussão, e por fim o encerramento que descrevo a seguir. Nesse dia contabilizei 35 pessoas na reunião<sup>44</sup>, 23 rapazes e 12 moças. Os rapazes, todos de cabelo curto, todos usando camisetas que variavam entre camisetas de curso, eventos organizados pela própria atlética como a TUSCA, alguns usavam camiseta para treino esportivo estilo uniforme de time e poucos camisetas de ‘marca’. A parte de baixo variava entre shorts para treino esportivo, bermudas jeans ou cargo, e pouquíssimos usavam calça jeans. Os calçados variavam entre tênis e chinelo de dedo tipo havaianas. Já as moças, todas de cabelo comprido, a parte de cima da vestimenta variava entre camisetas de curso ou eventos organizados pela atlética em tamanho baby-look e, blusinhas. A parte de baixo variava entre shorts jeans bem curto, shorts de lycra esportivos. Algumas usavam calça, que variava entre calça de lycra e jeans. Os calçados delas variavam entre tênis, chinelo tipo havaianas e sandálias.

A segunda surpresa, depois do fato de a atlética possuir uma presidente mulher, foi que, ao contrário do que eu imaginava, os rapazes, e as pessoas em geral, que são membros da atlética não possuem um corpo atlético ou “malhado”, algo que eu pensava ser característico do perfil dos frequentadores da AAA. Na verdade a maioria dos rapazes são gordinhos ou muito magros, apenas um ou dois rapazes aparentava frequentar academia. E as moças, em sua grande maioria, apesar de aparentarem estar em forma, também não apresentavam corpos “malhados”.

---

<sup>42</sup> Um dos informes desta reunião foi sobre uma festa que aconteceria no sábado daquela mesma semana, e que reuniria os membros antigos da AAA. A “festa dos dinos”, dinossauros. Quem deu o informe desta festa foi o presidente da gestão anterior (Lauro), aluno do quinto ano da Engenharia Civil. Ele frisou a importância da festa atentando para o fato que aquele era um momento de integração, e também reencontro, importante entre os antigos e novos membros da atlética, e que, portanto, todos/as deveriam participar para ouvir as histórias das aventuras vividas pelo pessoal mais velho e também as histórias da rixa com o CAASO.

<sup>43</sup> As pautas são na maioria das vezes colocadas pelos diretores, e variam entre assuntos esportivos: que modalidades necessitam de que equipamentos ou uniformes, o andamento dos jogos internos e externos a universidade, quem será árbitro dos jogos; assuntos festivos, organização das festas e a sua logística; assuntos financeiros, como pagamento de técnicos e balanço das festas; assuntos burocráticos, que documentos devem ser pedidos nas instâncias da universidade; e por fim, assuntos de marketing, estratégias de venda de pacotes para os eventos e manutenção do site da associação. Os assuntos das pautas são sempre decididos a partir de votações das propostas colocadas durante a discussão, nas quais todos/as presentes têm direito a voto.

<sup>44</sup> Nas reuniões que compareci durante todo o ano de 2011, a frequência dos participantes sempre oscilou entre 25 e 35 presentes nas mesmas, algumas poucas vezes com mais, mas nunca com menos.

Já era quase duas horas da tarde quando as pautas terminaram de ser discutidas e o encerramento da reunião foi chamado. O encerramento que se repete no fim de todas as reuniões se dá da seguinte forma, os membros novos, ou quando não há membros novos alguns membros antigos, se agacham no centro de uma roda formada pelas outras pessoas presentes e recebem alguns “tapinhas” na cabeça que variam na quantidade e intensidade dependendo do grau de intimidade com os membros. Nesse dia, minha primeira reunião, fui um dos que ficou agachado junto dos novos membros, recebi apenas umas encostadas de mão na cabeça. Então, os que estão agachados devem gritar: “Quem vai ganhar esse jogo?” E os que estão de pé respondem em grito/coro: “A!”.

### **1.3.1 A Atlética tem uma mulher na presidência, uma Presidenta!**

Como relatado anteriormente, minha primeira grande surpresa ao me encontrar com o grupo pesquisado pela primeira vez foi descobrir que a associação era presidida por uma mulher. Penso que essa minha surpresa muito tem a ver com o fato de eu imaginar/julgar já de início que o grupo apresentava contornos machistas e que algo do tipo seria muito improvável. Bom, eu estava errado, pois se o grupo possui mesmo características machistas, isso se confirma apenas em parte, ou numa determinada gradação, porque de outro modo uma mulher não ocuparia o cargo mais alto, o que de fato jamais havia ocorrido até então<sup>45</sup>. A questão que se coloca é: Como ela conseguiu alcançar essa posição no grupo? Ou melhor: Que “qualidades” ela apresentou para chegar nesse cargo?

Fernandinha, aluna de quarto ano do curso de Engenharia de Produção de 21 anos, natural de São Paulo, onde morava com os pais (pai empresário e mãe médica) até se mudar para São Carlos para estudar. Em entrevista realizada via e-mail, me relatou que tem como pretensão trabalhar na área de finanças em uma empresa ou indústria assim que se formar. Durante todo o período de realização da pesquisa ela sempre esteve trajada com roupas esportivas, camisetas de treino e top, calças e shorts de lycra e tênis. Apesar de sua baixa estatura, possui um corpo “troncudo” com ombros largos, características corporais associadas ao masculino, muito provavelmente por praticar esportes desde muito cedo (oito anos de idade). Pratica Handebol desde os 14 anos de idade. Treina/joga Handebol na/pela UFSCar desde o ano de seu ingresso (2008), e também treinava Futsal nos três primeiros anos

---

<sup>45</sup> Foi-me dito numa conversa informal com um de meus interlocutores, que antes dessa gestão a única vez que uma mulher ocupou cargo semelhante aconteceu quando a associação ainda não havia sido fundada e era apenas uma das diretorias do DCE.

de curso, mas abandonou a modalidade no quarto ano, quando se tornou presidente da AAA, para “conseguir dar conta” das atividades demandadas pela associação.

Entrou na associação em 2009 a convite de outras moças com quem treinava handebol e já faziam parte do grupo, e também porque “não estava tão animada com o curso e vi na Atlética a chance de fazer alguma coisa que gostava e que eu sempre tive muita vontade, que é cuidar dos esportes!”. Em 2010 se tornou diretora de esportes. Nas palavras dela:

“Bom, entrei na Atlética em 2009 pq queria ajudar na parte esportiva e em 2009 foi basicamente o que eu fiz, não ajudei muito nas festas nem nada, mas na TUSCA, por exemplo, fiquei grande parte dos meus dias nas quadras e participei um dia de uma reunião noturna (não sei se vc sabe, é uma reunião com pessoas de todas as faculdades que discute tudo o que aconteceu no dia e analisa os erros, se cabe multa, WOs, etc. É uma reunião bem importante e bem tensa, pq basicamente é um tentando ganhar do outro, baseado no regulamento mas não necessariamente com uma lógica. E aqui não cabe muito “bom senso”. Foi nessa reunião que a Federal tomou WOs em dois anos e acabou perdendo a TUSCA). Depois, em 2010 virei Diretora de Esportes, junto com mais 3 pessoas da Atlética, acabamos dividindo as tarefas mais “cotidianas”, que no caso do Esportes são a Liga Paulista e o Intercursos. Eu fiquei mais responsável pela Liga, o que inclui reservar ônibus, montar itinerários e conversar com os atletas da UFSCar e outras faculdades sobre a tabela. Com isso me aproximei da PROACE<sup>[46]</sup>, que é o órgão que “cuida” da Atlética, e por isso fazia o contato com eles também, para falar o que acontecia, responder ao que eles precisassem e para solicitar o que a Atlética necessitava. Além disso, durante os campeonatos, ficava completamente em função dos jogos. Li o regulamento da TUSCA e do TUFSCar uma miiiiil vezes e ia em todas as reuniões noturnas, por isso praticamente não fui nas festas e quando ia era pra ficar 1 ou 2 horinhas (essas reuniões normalmente terminam umas 5h da manhã). (sic)

Em fins de 2010, na reunião que estabeleceria a diretoria da associação para o ano de 2011, foi indicada pelo presidente de até então (Lauro) para ocupar o seu cargo. Já sabendo que seria indicada e de que não haveria concorrência, aceitou o cargo e se tornou a primeira presidente mulher da associação. Ao indagá-la sobre os motivos que a fizeram ser

---

<sup>46</sup> Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis, instituída pela Portaria GR n. 203/09 de 20/07/2009, tem como missão acadêmica de, juntamente com demais órgãos da UFSCar, planejar, coordenar, promover e avaliar, coletivamente com suas divisões, ações de atendimento e assistência à comunidade universitária (estudantes e servidores).

Fonte: [http://www2.ufscar.br/interface\\_frames/index.php?link=http://www.proace.ufscar.br](http://www2.ufscar.br/interface_frames/index.php?link=http://www.proace.ufscar.br)

indicada, me disse que: “Durante os outros anos eu tinha mostrado que gostava da Atlética e que tinha planos e ideias para melhorá-la”, e,

“Acho que tenho uma certa capacidade de liderança, e nisso até o meu curso da UFSCar ajudou bastante. Também tem o amor pela Atlética, que é fundamental para assumir algum cargo da Atlética, principalmente pq vc necessita de muuuuuito tempo! Mas acho que basicamente foi isso, e vontade de fazer as coisas!”

Sobre o fato de uma mulher nunca ter havido ocupado este cargo antes, Fernandinha me disse:

“Acho que rolava um certo preconceito, principalmente porque a relação com o CAASO era muita mais tensa. Mas também acho que nunca chegou alguém que tivesse o perfil, tiveram muitas mulheres muito importantes na Atlética (...), mas que gostavam ou se encaixavam melhor em outros cargos”.

Acerca da relação tensa com o CAASO e possível preconceito pelo fato da presidência ser ocupada por uma mulher, Paulo em entrevista presencial, me relatou o seguinte:

“O problema dela (Fernandinha) ser mulher só mesmo com o CAASO, até achei que talvez na federal rolasse algum preconceito, mas não teve. Mas nem com o CAASO teve muito problema, porque ela sempre foi muito *firme*, muito *brava*, ela sempre conseguia lidar com situações que eram problemáticas. Se desse algum pau ela *falava mais alto*. Então, ela ser mulher não foi muito problema ao assumir a presidência, essa bronca... Talvez se fosse uma mulher que não tivesse tanta... Não sei, porque a Fernandinha, ela foi diretora de esportes antes de ser presidente, e ela foi muito boa diretora tanto em relação a federal quanto ao CAASO, todo mundo fala disso...”. [grifos meus].

Fica claro na fala de Paulo, que além da dedicação mostrada por Fernandinha nos anos anteriores em relação aos esportes, a importância em apresentar características tidas como masculinas, ‘firmeza’, ‘braveza’ (leia-se agressividade), e capacidade de se impor no ‘falar alto’, para ocupar o cargo de presidente. Algo reconhecido, de certa forma, pela própria Fernandinha quando ela aponta sua capacidade de liderança.

Do exposto acima, minha impressão inicial sobre a associação apresentar contornos machistas não se torna tão equivocada como pensei ao me surpreender com o fato de uma mulher ocupar a presidência, pois o que a fez alçar tal posição no grupo foram justamente suas características tidas culturalmente como masculinas, ou melhor, sua *performance* de gênero masculina, pelo menos no que diz respeito à associação, já que uma *performance* de gênero feminina não seria o suficiente para lidar com a tensão com o CAASO, algo que é corroborado com a frase “a Fernandinha é macha!” que escutei numa das festas em que fui com o grupo.

Esta minha surpresa expõe que minha ideia sobre a AAA era também naturalizada, o que, por sua vez, mostra que o machismo presente na associação, para além do fato da presidente ter conseguido este cargo por apresentar características tidas culturalmente como masculinas, pode ser muito mais sofisticado do que supus de início. Pois, o fato de uma mulher ocupar a presidência serve de autorização para que o machismo aconteça.

### **1.3.2 Nem tod@s são atletas (ou atlétic@s)**

A segunda grande surpresa que tive ao entrar em contato com o grupo, que também tem a ver com o fato de eu imaginar/julgar já inicialmente, é o fato de que nem todos membros possuem corpos atléticos ou ‘malhados’. Tinha essa impressão porque pensava que, por ser a atlética uma associação com fins esportivos, todos os rapazes exibiriam corpos estilo ‘bombado’ e as moças estilo ‘gostosa’, e que isso guiaria as relações de gênero relacionadas ao grupo, algo que realmente não acontece. É quase que o contrário, salvo raras exceções, a maioria dos rapazes são gordinhos ou muito magros, mesmo os que praticam esportes. Já as moças, apesar de aparentarem estar em forma, também não apresentam corpos ‘malhados’.

De acordo com meus colaboradores isso foi assim desde o início da associação: “Apesar da atlética ser voltada para os esportes, a maioria do pessoal que foi diretor de eventos até hoje não praticava nenhuma modalidade, tão no cargo pra organizar as festas mesmo, não precisa entender de esporte!”.

### **1.3.3 A FamíiAAA**

Algo muito interessante que pude observar durante a realização da pesquisa, é que os membros da AAA em muitos e variados momentos se referem à associação como FamíiAAA, denotando um sentido de fraternidade, ou “nova família” fora de casa. Isso se

confirma ao se perguntar para qualquer membro que seja o que eles ou elas mais gostam na associação, sempre respondem “a integração dos membros”, a “união dos membros”, que as amizades criadas dentro do grupo “são pra vida toda”, “foi aqui que conheci meus melhores amigos e amigas”. Na reunião de troca de gestão que acompanhei no fim de 2011, num momento de ‘balanço’ das atividades, todos/as expressaram opiniões deste tipo, inclusive um rapaz e uma moça até se emocionaram com lágrimas e tudo mais ao falar disto. Muitos/as começam o texto dos e-mails mandados para o grupo de e-mails da associação com “FamíliaAAA” ou “GalerAAA”.

Mas a questão que se coloca é: Até que ponto isto organiza e dá sentido às relações? Até que ponto todos e todas ali se tratam como irmãos e irmãs? Não que eu esteja colocando a “validade” das amizades ali criadas em questão, mas a partir de meu contato com o grupo, esta suposta irmandade/fraternidade parece se confirmar muito mais entre os membros homens do que entre homens e mulheres. Por exemplo, em praticamente todas as festas organizadas pelo grupo e somente para o grupo com a presença apenas de pessoas muito próximas fora dele, os rapazes sempre estavam todos vestidos com camisetas da associação enquanto as moças vestiam ‘roupas de festa’. Ou quando na TUSCA, no dia de início de evento me encontrei com os membros e todos estavam com o corte de cabelo moicano, que usaram até o fim do evento e apenas.

Em uma determinada festa que aconteceu numa chácara nos arredores na área urbana de São Carlos e tinha como intenção a integração dos/das atletas das várias modalidades esportivas presentes na universidade, o “Churrasco dos Atletas” (mas que contou com baixíssima adesão dos/das mesmos/as). Enquanto quase todos os rapazes presentes (mas todos os membros da associação) jogavam futebol por mais de uma hora e depois entraram somente entre eles na piscina, as moças ficaram sozinhas na festa, dançando ao som da música mecânica que tocava, ou conversado entre elas.

Nesta mesma ocasião, após acordar no outro dia pela manhã<sup>47</sup> notei que pelo menos cinco rapazes, membros da associação, que não haviam dormido tinham se marcado, uns aos outros, com um espeto de churrasco quente em suas panturrilhas como num ‘pacto de sangue’! Ao indagá-los do por que haviam feito aquilo, me responderam: “Pra selar nossa amizade”.

São várias as ocasiões em que são marcados encontros apenas entre os membros homens da associação com fins de diversão, “pra tomar um breja”, “jogar um

---

<sup>47</sup> Neste dia dormi em um dos quartos da casa-sede da chácara junto de outros/as membros da associação porque não consegui carona ou não quis voltar de carro com pessoas que estavam muito bêbadas.

play<sup>48</sup>”, assistir a algum jogo ou luta. Partindo destas observações aqui relatadas, fica claro que a tal famíliaAAA se refere muito mais a uma fraternidade toda masculina do que a qualquer outro significado que a expressão pode denotar.

Eve Sedgwick em *Between Men* (1985) traz uma importante contribuição para o que foi descrito acima, ressaltando como sociedades marcadas pela dominação masculina dependem do que chamou de desejo homosocial masculino: uma força social que torna os vínculos entre homens a tônica das relações de poder. Uma relação, “mesmo quando sua manifestação é de hostilidade ou ódio ou alguma coisa menos carregada emotivamente, que configura um importante relacionamento” (p. 2, *tradução minha*).

Por fim, apesar de as relações entre os próprios rapazes serem muito mais fortes do que entre os rapazes e as garotas. A idéia de família não pode ser totalmente descartada, pois dentro da família, ou do que se reconhece socialmente como família, nem todos/as são considerados/as iguais, homens e mulheres executam funções diferentes.

### 1.3.4 A EmpresAAA

Outra característica importante observada a partir de minhas incursões ao grupo, a é intenção do mesmo em se profissionalizar. De acordo meus interlocutores essa proposta, ainda em andamento, começou com a gestão que assumiu a associação no final do ano de 2007, para atuar no ano seguinte. Tal momento é visto como uma “revolução na AAA” e associada ao presidente da referida gestão, Gilberto. O principal motivo seria o fato de terem terminado a TUSCA de 2007 devendo por volta de 30 mil reais à atlética do CAASO, o que estreitava, e muito, a rivalidade com a associação adversária, passando de uma simples competição esportiva para uma competição em termos econômicos, baseada em modelos de gestão.

Esta disputa em termos de gestão é uma característica que ajuda a conectar os membros das atléticas de ambas as instituições. Alunos de engenharia, em sua maioria, parecem disputar os conhecimentos aprendidos em sala de aula. Um dos rapazes da AAA, aluno do curso de Engenharia de Produção, que ocupou o cargo de tesoureiro no período de minhas observações, durante uma das reuniões da associação contou cheio de orgulho aos outros membros que havia realizado um trabalho de disciplina sobre as finanças da AAA.

O real motivo da dívida com o CAASO não me foi contado, apenas me relataram que os “ratos do CAASO” eram “muitos melhores organizados em questão de

---

<sup>48</sup> Play se refere ao console de videogames Playstation.



contatos e conversas e muito mais a fim de fazer”, “ganhavam da gente no papo”. Ou seja, por saberem lidar melhor com contratos e terem mais contatos com produtoras de eventos, os membros da atlética do CAASO “enganaram” a atlética da UFSCar em 2007. Mas o presidente da gestão de 2008 “deu a volta por cima”:

“Aí entrou o Gilberto em 2008 e o objetivo dele era mudar o jeito da atlética, dar uma organizada, sei lá, tornar um pouco mais profissional o que a gente fazia, porque era muito amizade, muita bebedeira e muito pouco profissionalismo. Ele que deu o início pra virar AAA esporte ao invés de AAA bebedeira. Então, ele deu o começo...”.

O período “pré-Gilberto” é chamado de o período dos “fitas na AAA” e sua gestão como o “fim dos fitas na AAA e começo da famíliaAAA”. Ao querer saber sobre quem eram esses “fitas” e por que são chamados assim, me relataram o seguinte:

“O pessoal antigo da AAA, pelo menos de 2004 até 2007, era um pessoal mais locão, ia pras festas e dava regaço no bar, não tava nem aí, bebia o que sobrava, por exemplo, o cara que foi na festa e pagou não acabava usufruindo enquanto o pessoal da AAA que não pagou bebia até o que sobrava. (...) Antes era muito mais festa, a fita que o pessoal fala, é que o pessoal da AAA ficava servindo [bebida no bar], aí subia no palco e ficava fazendo fita, não sei o que lá... Fazendo um monte de coisa e ninguém tava nem aí pro que tava rolando na festa...”.

Foi para reverter a situação descrita acima que Gilberto reorganizou o funcionamento da diretoria da associação, a partir de sua gestão os cargos da diretoria começaram a ser “levados mais a sério” e foi o fim da ideia de “ser da atlética só para aparecer”. O mote passou a ser o trabalho em conjunto, “vestir a camisa e topa tudo, independente de ter outros compromissos (acadêmicos), se isso significar bombar numas matérias, que seja”, como disse Lauro, presidente da gestão de 2010 na reunião de troca de diretoria que acompanhei no final do ano de 2011. Mas logo após dizer isso foi contestado por Fernandinha que disse que isso não foi necessário no caso dela, algo que não aconteceu com a maioria dos rapazes que fizeram parte da diretoria no ano de 2011 e que me confessaram ter bombado em várias matérias por conta das atividades do grupo. Desse modo, parece que a participação no grupo se torna uma desculpa pelo mau rendimento nas disciplinas dos cursos. Algo que é ostentado com orgulho pelos rapazes após um evento bem sucedido, “grande bosta perder aquela aula, a festa foi foda!”. Tudo isso para “satisfazer o cliente”, frase muitas vezes

repetida nos antecedentes de algum evento. Tanto que em seus perfis do Facebook os/as membros da AAA a colocam como seu empregador.

Essa ideia de “vestir a camisa e topar tudo” é o que define a passagem dos cargos de uma diretoria para a seguinte: “o que a gente vem tentando fazer é assim, colocar como diretor a pessoa que mais trabalhou, pra gente se profissionalizar mesmo, o cara tá lá pelo trabalho”. A reunião que antecedeu o acontecimento da TUSCA foi emblemática nesse sentido, foi dito por um dos diretores de eventos que aquele era “o momento de prova” para os novos membros, ou seja, quem quisesse ser membro da diretoria na gestão seguinte devia “mostrar o seu valor” durante o evento.

Então, para que o processo de profissionalização fosse levado a sério e a frente, a partir de 2008 foi inaugurado um modelo para a troca de diretoria. Os cargos começaram a ser passados por indicação da diretoria que os deixaria para os que a assumiriam a partir de uma reunião específica que ocorre no fim de cada ano desde então. O critério para a passagem dos cargos, como exposto acima, é o quanto cada um deu de si pela associação durante o ano que passou. Nesse processo, a troca de experiências é algo relatado como muito importante, quase que num tom de ‘carreira empresarial’. Paulo, que passou de diretor de eventos para vice-presidente na gestão de 2010 para a de 2011 me disse: “Aprendi muito com o Lauro em 2010 (que havia sido um dos diretores de eventos em 2009 antes de se tornar presidente), e esse ano passo minha experiência pro Caique...”.

Mas esse ‘sacrifício’ pela associação não vem sem ganhos pessoais. Na referida reunião de troca de gestão que acompanhei, o já citado Lauro disse que agir desta maneira o ensinou muito mais para a sua carreira profissional (engenheiro civil numa empresa) do que muitas aulas da faculdade, pontuando que aprendeu a agir em grupo, algo muito importante em seu atual emprego. Disse que “cresceu muito como pessoa” e apontando para alguns membros, que já faziam parte da associação no período de sua gestão, disse que eles também, que eram visíveis as mudanças nas personalidades: “o Hugo ali, era praticamente mudo quando aparecer por aqui, olha agora como ele fala, parece até que virou gente, virou homem”.

Portanto, dada a importância do trabalho dentro da associação e para a associação, e expressões como “(...) parece até que virou gente, virou homem” depois de “vestir a camisa” e “dar o sangue” pelo grupo, fica clara a relevância de tal fato para a constituição das masculinidades internas ao grupo, sendo o trabalho um valor central na ideia de masculinidade hegemônica contemporânea (KIMMEL, 1998). A associação entre Atlética

e empresa nos discursos dos pesquisados evidencia como tal organização se constitui como um lócus de construção de masculinidade, e qual é a masculinidade hegemônica deste grupo.

## 2. ESTUDOS DE MASCULINIDADES E PERSPECTIVA *QUEER*:

Pode-se dizer que os estudos sobre as masculinidades como um objeto específico de pesquisa, se configurando como um campo autônomo de estudos é algo bem recente nas Ciências Humanas e Sociais, datado em fins da década de 1980 (MEDRADO e LYRA, 2008, p. 809). Mas, as reflexões sobre a masculinidade (ainda no singular) como um gênero específico e em relação (ainda que na maioria das vezes pensado em oposição) a outro gênero específico, a feminilidade (também ainda no singular), datam de fins da década 1960, certamente muito influenciadas pelo ressurgimento do feminismo em sua chamada “segunda onda”, que ao questionar a posição social das mulheres deixa em aberto o questionamento da posição social dos homens.

Durante os anos de 1970, na esteira dos avanços do feminismo, foi produzido um grande número de trabalhos científicos, principalmente nos Estados Unidos, acerca da posição social dos homens que os enxergava como vítimas das mudanças sociais (principalmente as relacionadas à mudança da posição das mulheres na sociedade). É o famoso argumento de que a masculinidade estaria em crise. Estes estudos estavam calcados na ideia de papéis sexuais, formulada algumas décadas antes pelo sociólogo funcionalista americano Talcott Parsons a partir de sua Teoria dos Papéis Sociais, tendo o conceito de “papéis” como um ponto chave em sua análise estrutural (CONNELL, 2005, p.22).

As teorizações de Parsons sobre os papéis sexuais sistematizadas em seu livro *Family, Socialization and Interaction Process* escrito junto com R. F. Bales em 1953, derivadas do imperativo estrutural da diferenciação social, estavam, como o título do livro sugere, subsumidas às relações familiares, nas quais a distinção entre a personalidade masculina e a personalidade feminina (nos termos do autor) se baseavam na distinção entre caracteres “instrumentais” para os homens (responsabilidades com a política e a economia) e “expressivos” para as mulheres (cuidados da casa e assistência à prole), que, por sua vez, funcionavam como opostos complementares na socialização das crianças e jovens no interior da família, enxergada como grupo social menor com esta específica função social maior e presente em qualquer ordem social (CARRIGAN, CONNELL, LEE, 2009, p.101-102).

Apesar de Parsons refutar as explicações biológicas sobre a diferença entre os sexos transferindo-as para os processos de socialização, seus escritos estavam carregados de um tom normativo, que, além de sugerir uma continuidade do social com o biológico, não problematiza as relações de poder entre os gêneros ao encará-los como opostos complementares (não como relacionais, e sim recíprocos) e engessá-los na sua ideia de

personalidade/papel, o que por sua vez, excluía qualquer possibilidade de visualizar as relações de poder internas a cada gênero, fazendo com que qualquer rompimento do comportamento social esperado/criado para cada personalidade/papel fosse visto como desvio (CONNEL, 2005, p. 24-27; CARRIGAN, CONNELL, LEE, 2009, p.102).

Esta literatura que discutia o papel sexual masculino praticamente ignorou os homens homossexuais. Devido a sua orientação funcionalista e altamente normativa, que encarava a família (heterossexual) como o pressuposto para o que se esperava como comportamento de homens e mulheres, os homossexuais seriam automaticamente alocados numa posição de desvio. Justamente por isto, esta literatura se mostrou bastante falha em compreender o Movimento de Libertação Gay que adquiria bastante força na década de 1970, também questionando a posição social dos homens (heterossexuais) (CONNELL, 2005, p.27).

Este foi o quadro que guiou a grande maioria dos estudos produzidos sobre as masculinidades durante a década de 1970, que, quase como uma reação às teorizações feministas produzidas na mesma época<sup>49</sup> (OLIVEIRA, 1998), e ao ignorarem as reivindicações do ascendente movimento gay, colocavam os homens (heterossexuais) como vítimas de seu suposto papel sexual/social ao não considerarem as relações de poder implicadas na constituição destas posições de sujeito.

Porém, foi ainda na década de 1970 que a antropóloga estadunidense Gayle Rubin (1975) em seu texto seminal, *Tráfico de Mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*, formulou a ideia de um sistema sexo/gênero, no qual o gênero (as concepções de feminilidade e masculinidade) seria a interpretação cultural, portanto variável, do sexo biológico (ou do aparato anatômico resumido nas idéias de mulher e homem), e variaria historicamente. Além disto, para a autora, os gêneros se constroem de maneira relacional e não oposta, logo masculinidade e feminilidade dependem uma da outra para se constituírem, e tais definições estariam imersas em relações de poder.

Tal formulação que figura como uma das bases da análise aqui proposta recebeu críticas e foi reformulada em pelo menos em dois sentidos que são incorporados na perspectiva aqui adotada. A primeira das reformulações que quero apontar diz respeito ao surgimento da discussão sobre diferença no interior do feminismo estadunidense em meados da década de 1980<sup>50</sup>, empreendida por mulheres lésbicas, não-brancas (particularmente as

---

<sup>49</sup>Que em grande parte centravam suas críticas contra o patriarcado, questionando a hierarquia entre os sexos e em muitos casos demonizando os homens.

<sup>50</sup> Momento em que as reflexões pós-modernas e pós-estruturalistas ganharam bastante destaque na academia estadunidense.

negras e chicanas) que questionaram a posição de sujeito mulher-branca-heterossexual-classe-média que dominava as análises, alargando a percepção das diferenças para o interior do gênero, e que desembocou na idéia de feminismo da diferença<sup>51</sup>, tendo como uma de suas principais expoentes, Gloria Anzaldúa (COSTA, 2005, pp.692). Tal discussão deslocou o foco das análises feministas que, em sua maioria, até então, se preocupavam unicamente com as diferenças percebidas em termos de gênero, para outros marcadores sociais da diferença como raça, etnia, sexualidade, classe entre outros.

Praticamente ao mesmo tempo em que estas questões foram colocadas dentro do feminismo, surgiram também dentro dos estudos de masculinidade que começavam a despontar em meados dos anos de 1980, e que podem ser sintetizadas em torno do conceito de masculinidade hegemônica, também central para o presente estudo.

R. W. Connell e J. Messerschmidt (2005) traçam um panorama em torno do conceito de masculinidade hegemônica que compreende desde sua origem, formulação, e aplicação, até as críticas que o conceito recebeu durante quase 25 de uso, para no fim propor uma reformulação do conceito abarcando o que deve ser retido, descartado, e reformulado.

De acordo com as/os autoras/es o conceito de masculinidade hegemônica foi primeiramente proposto nos inícios da década de 1980 em um estudo de campo sobre as desigualdades sociais em colégios de ensino médio da Austrália; numa discussão conceitual sobre o “fazer” da masculinidade relacionado à experiência corporal de homens; e em um debate acerca do papel do homem nas políticas trabalhistas da Austrália (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2005, p.830). E, depois sistematizado em um artigo intitulado *Towards a New Sociology of Masculinity* de CARRIGAN, CONNELL, e LEE, publicado em 1985 na revista *Theory and Society*, no qual a literatura que versava sobre “o papel social do homem (male)” foi extensamente criticada em nome de um modelo que compreendesse a multiplicidade de masculinidades e relações de poder (Ibidem, p. 830).

As fontes básicas do conceito foram: teorias feministas sobre o patriarcado e os debates em torno da ação dos homens na transformação do patriarcado; o conceito gramsciniano de hegemonia; os estudos sobre “o papel sexual do homem”, que apesar de muito criticados por homogeneizarem a idéia de masculinidade e apresentarem dificuldades em levar as relações de poder em consideração, serviram inicialmente para reconhecer uma natureza social da masculinidade e logo as possibilidades de mudança da conduta masculina; o movimento de libertação gay, que desenvolveu uma sofisticada análise da opressão dos

---

<sup>51</sup> Refiro-me aqui à trajetória estadunidense desse conceito. Pois no contexto francês, a denominação feminismo da diferença possui outro significado.

homens como opressão pelos próprios homens calcada em conceitos como diferença e poder; as pesquisas sociais empíricas, que adicionaram um realismo etnográfico que os estudos do papel-sexual não traziam, confirmando a pluralidade das masculinidades e as complexidades na construção do gênero para os homens, e deram evidências das lutas ativas por dominância implícitas no conceito gramsciano de hegemonia; e por fim, da psicanálise, a partir do estudo de caso de Freud sobre o “homem lobo”, e também do conceito de “identidade de gênero” formulado por Stoller (Idem, pp. 831-832).

De acordo com Connell e Messerschmidt (Ibidem), o que surgiu dessa matriz em meados dos anos de 1980 era análogo, em termos de gênero, aos estudos sobre estrutura de poder na sociologia política, focando-se no grupo dominante. Masculinidade hegemônica era, então, entendida como o padrão de práticas que permitiam que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse. E, distinguia-se de outras masculinidades, consideradas subordinadas a ela (p. 832). Porém, nas palavras das/os autoras/es:

Hegemonic masculinity was not assumed to be normal in the statistical sense; only a minority of men might enact it. But it was certainly normative. It embodied the currently most honored way of being a man, it required all other man to position themselves in relation to it, and it ideologically legitimated the global subordination of women to men (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2005, p. 832).

Vale salientar que o conceito possuía um caráter abstrato e não descritivo como era definido nos termos de uma lógica de um sistema de gênero patriarcal, levando em consideração o fato de que as relações de gênero são históricas, portanto, sujeitas a mudança.

Durante a primeira década após sua formulação, o conceito de masculinidade hegemônica foi utilizado em estudos sobre educação, criminologia, mídia, esportes, saúde, organizações (como ambientes de trabalho e exército), substituindo a teoria do papel-sexual e modelos categóricos de patriarcado. Sendo utilizado em quatro frentes principais: documentação dos custos e conseqüências da hegemonia; desnudamento dos mecanismos de hegemonia (se mostrando bastante frutífera neste uso); mostrando grande diversidade nas masculinidades (confirmando o *insight* inicial); e traçando as mudanças nas masculinidades hegemônicas, de maneira a expandir o uso do conceito (pp. 833-834).

De meados dos anos 1980 até o começo dos anos 2000, o conceito de masculinidade hegemônica passou de um modelo conceitual com uma razoável base empírica para um quadro amplamente utilizado para se pesquisar e debater sobre homens e masculinidade em diversos contextos culturais. E por isso mesmo recebeu várias críticas.

As cinco principais críticas que o conceito recebeu desde que começou a ser discutido no começo dos anos de 1990 são acerca de: (1) o conceito básico de masculinidade (the underlying concept of masculinity, no original), postuladas a partir de dois diferentes pontos de vista, realista e pós-estruturalista, que apontaram falhas no fato de o conceito essencializar as características masculinas e impor uma falsa unidade numa realidade contraditória e fluida, e por sua vez, propuseram a construção discursiva das identidades, assim como, acusaram o conceito de ter sido formulado a partir de uma concepção heteronormativa de gênero que essencializa as diferenças em termos de masculino-feminino, ignorando as diferenças e exclusões internas a cada gênero, e também se assenta na dicotomia entre sexo (biológico) e gênero (cultural) que marginaliza ou naturaliza os corpos ; (2) ambigüidade e sobreposição no uso do conceito, centrada no fato de o conceito de masculinidade hegemônica se referir tanto a um tipo fixo de masculinidade como a um tipo de masculinidade dominante em uma situação específica de tempo e espaço; (3) o problema da reificação, pelo fato de não levar em consideração o caráter histórico das relações de gênero; (4) o sujeito masculino, partindo da psicologia discursiva e argumentando que a masculinidade hegemônica não deve ser compreendida como característica de algum grupo de homens, e que se deve questionar como os sujeitos se conformam a este ideal, pensando na hegemonia como um conjunto de normas que definem as posições dos sujeitos nos discursos, e que são assumidas estrategicamente em circunstâncias particulares; e, (5) o padrão das relações de gênero, que algumas vezes são tomados como imutáveis, não se levando em consideração o seu caráter histórico e nem sua dinâmica interna (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2005, pp. 836-845).

Após apontar as críticas e antes de apresentar sua proposta do que deve ser reformulado no conceito, Connell e Messerschmidt (2005) dizem que o aspecto fundamental do conceito, que consiste na combinação da idéia de pluralidade com a idéia de hierarquização entre as diferentes masculinidades, persistiu durante esses 25 anos de teorização e, portanto deve ser conservado. E também, apontam que concepções que não abarquem as mudanças históricas das relações entre gêneros devem ser descartadas pelo fato de não terem sobrevivido às críticas. Após estas considerações, sugerem que o conceito deve ser reformulado em quatro principais frentes: (1) a natureza das hierarquias de gênero, pensando na complexidade das relações estabelecidas entre diferentes construções de masculinidade, e levando em consideração como elas se influenciam e se mantêm em suas criações recíprocas; (2) a geografia das configurações masculinas, propondo a articulação do



conceito em escala local, regional e global; (3) o processo de corporificação social ( the process of social embodiment, no original), para que se pense os usos e construções do corpo nas representações de masculinidade; e, (4) a dinâmica das masculinidades, com a intenção de melhor captar a dinâmica subjetiva e suas contradições na construção das masculinidades pelos sujeitos a partir de suas práticas.

A segunda reformulação empreendida sobre o conceito de gênero inicialmente proposto por Rubin (1975), diz respeito às reflexões de Judith Butler (2003), em seu livro *Problemas de Gênero*, no qual a autora problematiza a concepção de gênero proposta por Rubin ao dizer que ela está ancorada no binário que distingue natureza/cultura, que de acordo com a autora fundamenta o binário feminino/masculino, constituindo um impedimento para uma compreensão que desnaturalize o gênero de uma forma mais completa. Ao indagar a pretensa natureza de um “sexo” anterior ao gênero, afirma a autora:

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de um significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a “natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzida e estabelecido como pré-discursivo, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual* age a cultura (BUTLER, 2003, p.25).

É a partir deste deslocamento da concepção da categoria de gênero que Butler (2003) propõe que se tome o gênero enquanto *performativo*, e lança da idéia de *matriz heterossexual*, uma grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados. Na qual, os gêneros “inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. De forma que o desejo heterossexualizado requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e “fêmea” (BUTLER, 2003, p.38-39).

É na perspectiva de incluir a sexualidade como parte integrante da compreensão das identidades de gênero, no caso a masculina hegemônica, que as contribuições da Teoria *Queer* se fazem indispensáveis para esta pesquisa. Pois os estudos *queer* sublinham a centralidade dos mecanismos sociais relacionados à operação do binarismo hetero/homossexual para a organização da vida social contemporânea. Nas palavras do sociólogo Steven Seidman, o *queer* seria o estudo “daqueles conhecimentos e daquelas praticas sociais que organizam a ‘sociedade’ como um todo, sexualizando –

heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais” (SEIDMAN, 1996, p.13).

De acordo com Richard Miskolci, a Teoria *Queer* é mais sofisticada do que o construcionismo e ainda impõe ao menos dois grandes desafios às investigações sociológicas: perceber que nenhuma faceta da vida social pode ser compreendida sem um exame de como os significados sexuais se interseccionam com ela; e pelo fato de impor às Ciências Sociais a necessidade de rever seus pressupostos de forma a focar no hegemônico como objeto de estudo e análise crítica (MISKOLCI, 2009, p.170).

Assim, a Teoria *Queer*, é o aporte de maior relevância para a análise, pois de acordo com Joshua Gamson (2006), “a teoria *queer* e os estudos *queer* propõem um enfoque não tanto sobre populações específicas, mas sobre os processos de categorização sexual e sua desconstrução. (p. 347). O que fica melhor nas palavras de Miskolci (2009),

Uma teoria social obstinada em levar a cabo a proposta inacabada de desnaturalização do social se associa a uma maior atenção crítica aos processos normalizadores. A ênfase queer nos processos de normalização implicados na constituição dos sujeitos, das identidades sociais e até mesmo das coletivas que fundam movimentos sociais do presente aponta para a compreensão de que a maioria dos fenômenos até recentemente compreendidos como desvio podem ser encarados como diferenças, resultado de processos contínuos e interrelacionados da inferiorização, de criação de Outros que justificam a distribuição e o acesso desigual ao poder. Diante desse cenário, o queer se posiciona como uma desconstrução geral da ontologia social (p.172-173).

E, pelo fato de a Teoria *Queer* compartilhar de pressupostos provenientes do pós-estruturalismo<sup>52</sup>, o qual problematizou concepções clássicas de sujeito, de identidade, de agência e de identificação (LOURO, 2001, p.547), de forma que podemos dizer que na teoria *queer*, os sujeitos são sempre encarados como provisórios, circunstâncias e cindidos. Retirando qualquer noção de uma essência individual que conformaria tanto a identidade quanto as práticas dos sujeitos. As propostas de Avtar Brah (2006) de se fazer uma análise interseccional se fazem indispensáveis.

A análise interseccional proposta por Avtar Brah (2006), na esteira dos Estudos Pós-Coloniais e de uma epistemologia feminista abre um caminho interessante para uma análise mais aprofundada e menos enviesada para alguma das categorias. A autora propõe que se tome a *diferença* enquanto categoria analítica ao invés uma categoria específica, como o gênero ou a sexualidade.

A contribuição de Avtar Brah representa um deslocamento teórico fundamental, partindo da *diferença como categoria analítica*, não privilegiando qualquer das

---

<sup>52</sup> Também compartilhados pelo feminismo das diferenças.

categorias. Segundo a autora: “estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como ‘variáveis independentes’ porque a opressão de cada uma está inscrita dentro de outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela” (BRAH, 2006, p. 351). Em uma abordagem historicizante, rejeitando grandes teorias, a autora propõe compreender a intersecção das categorias da diferença, contextualizando de que forma a interconexão entre determinadas categorias se constitui. Gênero, sexualidade, raça, dentre outras categorias são analisadas, não por meio de uma somatória de opressões, mas a partir de sua imbricação mútua que forma uma realidade específica.

Partindo destas considerações, Brah sugere quatro maneiras de se conceituar a diferença: diferença como experiência, diferença como relação social, diferença como subjetividade e diferença como identidade. Dentre essas, destaco a diferença como identidade. Nas palavras da autora:

Questões de identidade estão intimamente ligadas a questões de experiência, subjetividade e relações sociais. Identidades são inscritas através de experiências culturalmente construídas em relações sociais. A subjetividade – o lugar do processo de dar sentido a nossas relações com o mundo – é a modalidade em que a natureza precária e contraditória do sujeito-em-processo ganha significado ou é *experimentada* como identidade. As identidades são marcadas pela multiplicidade de posições de sujeito que constituem o sujeito. Portanto, a identidade não é fixa nem singular; ela é uma multiplicidade relacional em constante mudança. Mas no curso desse fluxo, as identidades assumem padrões específicos, como num caleidoscópio, diante de conjuntos particulares de circunstâncias pessoais, sociais e históricas. De fato, a identidade pode ser entendida *como o próprio processo pelo qual a multiplicidade, contradição e instabilidade da subjetividade é significada como tendo coerência, continuidade, estabilidade; como tendo um núcleo – um núcleo em constante mudança, mas de qualquer maneira um núcleo – que a qualquer momento é enunciado como o “eu”* (BRAH, 2008, p. 371).

Butler (2003) resume de forma esclarecedora essa visão em relação ao gênero afirmando que:

se alguém “é” mulher, isso não é tudo que tal sujeito é; o termo não é exaustivo, não porque uma “pessoa” pré-gendrada transcende uma parafernália específica do seu gênero, mas porquê o gênero não é sempre constituído de forma coerente e consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero é intersectado por modalidades raciais, étnicas, sexuais, regionais e de classe das identidades discursivamente constituídas. Como resultado, torna-se impossível separar o “gênero” das intersecções políticas e culturais através das quais ele é invariavelmente produzido e mantido (pp. 3).

A formulação de Butler exposta acima sugere que, ao invés de dispormos de uma categoria paralelamente às outras ao projetar cartografias do indivíduo, seria melhor se considerássemos uma intersecção muito movimentada, na qual vários vetores de diferença

estão em constante sobreposição, deslocando uns aos outros, abrindo espaços intermediários ou interstícios nos quais o sujeito se posiciona, não importando quão provisoriamente (COSTA, 2002, pp.81).

### 3. ENTRE HOMENS E MULHERES

Tendo como de partida que os gêneros se constroem em relação, ou seja, que a masculinidade se constrói em relação com a feminilidade e também com outras masculinidades. E com a intenção de entender o que é ser homem e qual é o modelo, ou melhor estilo, de masculinidade valorizada e reproduzida pelos rapazes membros da AAA, é necessário atentar para como eles se relacionam com as mulheres e pensam o feminino, assim como o que pensam sobre o masculino e se relacionam entre si. Apresento aqui algumas situações que observei em campo e penso serem esclarecedoras sobre isto.

#### 3.1 MULHERES ENTRE HOMENS E VICE VERSA

“Pô, esse cartaz aí, vão pensar que a gente é do *cheer*. Que bosta!” disse Filipe se referindo ao cartaz de divulgação do *Cheerleading* que estava fixado na tenda da AAA na ocasião das matrículas para graduação em janeiro de 2012. Mais tarde, na noite deste mesmo dia o assunto do cartaz foi retomado enquanto estávamos na casa de Hugo para acertar os preparativos para o segundo dia de matrículas, só que desta vez ele veio acompanhado de uma provocação: “Então, porque tem um cara aqui, que eu fiquei sabendo que tava treinando com as cheers um dia aí... Não vou falar mais nada, porque eu não quero ‘queimar’ o cara, mas vou deixar ele se ‘queimar’ sozinho, né Gabriel!?” disse Filipe em tom de desafio. Nisso Gabriel entrou em cena já contando sua versão da história: “Isso aí foi num dia que eu fui no (sic) ‘ginasinho’ [local onde o *cheerleading* ufscar realiza seus treinos] pegar não sei o que, e elas tavam lá fazendo o aquecimento para o treino e me convidaram pra participar. Claro que fui, não ia perder a chance de ficar lá vendo de pertinho as gostosas de roupa colada, né?! Mas a melhor parte é a de erguer elas pela bunda...”; “É... Até ser você sendo erguido pela bunda e curtir!” replicou Filipe e todos riram. Em outras palavras, um homem praticar uma atividade tida culturalmente como feminina o afeminaria (‘queimaria’), associando-o a homossexualidade (curtir ser levantado pela bunda), a despeito de rapazes fazerem parte do *Cheerleading* UFSCar. No segundo dia de matrículas o cartaz de divulgação do *Cheerleading* UFSCar não estava afixado na tenda da AAA!

Outro episódio que ocorreu nesta mesma noite e reitera a repulsa e desqualificação das mulheres pelos membros da associação, foi quando estávamos pintando uma manilha de divulgação da FestAAA e Rogério disse: “Mulher não faz isso melhor!” e

Filipe completou: “Mulher não faz nada melhor, a única coisa que mulher tem que fazer é dar!”

Tal posição da mulher e do feminino enquanto mero objeto de desejo ficou expressa também quando houve a necessidade de se pedir patrocínio para um dos eventos e alguns rapazes bradaram durante a reunião: “Mulher é melhor!”, “Coloca as *cheers* de decote!”. O mesmo aconteceu quando discutiam sobre o conteúdo de um vídeo publicitário para um evento: “Vamos colocar as meninas fazendo topless!”. E, “Não esqueçam de chamar os amigos e amigas para o evento. Mas só as amigas gatas, hein!”. Ou ainda, quando na reunião de troca de diretoria, após a redefinição dos cargos da diretoria de marketing, Evandro, disse, se referindo à entrada de Giovana e saída de Carla na referida diretoria e estabelecendo uma distinção de beleza, pois a primeira é muito mais bonita do que a segunda: “Até que enfim uma mulher de verdade no marketing!”.

Nesta mesma reunião de troca de diretoria pude observar o que os membros da associação pensam sobre a ocupação dos cargos da diretoria a partir dos gêneros. Ficou patente uma divisão de gênero do trabalho no momento em que ao preencher os cargos da secretaria (até então ocupados por duas garotas), apenas uma das duas vagas tinha indicação, uma garota. A segunda estava em aberto e o recém indicado presidente para a próxima gestão resolveu a situação da segunda maneira: “Tem que ser mulher, por causa da paciência e organização. Então, quem vai ser a nossa segunda secretária?”. Encaro tal positividade da mulher como essencialmente paciente e organizada, apesar das mulheres serem muitas vezes consideradas descontroladas e histéricas pelo senso comum, como uma armadilha, pois é sabido mesmo não-dito, que o cargo da secretaria é um cargo ‘chato’: elaborar as atas de todas as reuniões e produzir documentos burocráticos quando necessário.

A edição da FestAAA que associação realiza no segundo semestre letivo, tem como temática, desde 2008, ‘Putá e Cafetão’, que inclusive nomeia a festa. É interessante notar os estereótipos acionados para se referir ao feminino e ao masculino. Enquanto o feminino se localizaria na Putá, a suposta mulher fácil, passiva e objeto mercantil/mercantilizável. O masculino ocupa a posição daquele que, de certa forma a possui e, a mercantiliza com outros homens, ou seja, o Cafetão se localiza numa posição ativa e racional (negociante) na relação.



**FIGURA 5:** Festa Puta & Cafetão

**Fonte:** <http://www.caaso.org.br>, acesso agosto/2012

Vale notar que alguns rapazes vão à festa fantasiados de *cheerleaders*, deixando claro o que pensam delas. O mesmo acontece, mas numa quantidade muito maior no Baile do Trocado<sup>53</sup> promovido pelo CAASO.



**FIGURA 6:** Homens travestidos de *Cheerleading*

**Fonte:** <http://www.caaso.org.br>, acesso agosto/2012

<sup>53</sup>Festa na qual os homens devem ir vestidos de mulheres e vice-versa.

Os preços dos convites femininos para a festa são mais baratos do que os masculinos, na maioria das vezes essa diferença de preço é justificada pelo fato de que as mulheres bebem menos do que os homens, portanto não seria justo que elas pagassem o mesmo valor pelo convite. O que de certa forma garantiria a presença de mais mulheres na festa, pois a redução do preço seria um atrativo, além de deixar implícito que os homens estão pagando a mais e, para as mulheres. Cafetões e Putas?

Indo de carona com Fernando, e junto de Evandro, para montagem da FestAAA edição 9 e ½ que tinha como temática ‘Putas e Cafetões’, a mesma referida acima, presenciei a seguinte situação: Durante o percurso de ida até local da festa, Fernando ligou o rádio do carro e estava tocando uma dupla de música sertaneja que fazia sucesso no momento e tinha se apresentado num Rodeio que havia acontecido na região não fazia muito tempo, foi aí que Evandro disse: “Pra mim, mulher que vai em rodeio é tudo vagabunda, puta!”; Fernando: “Não é assim, não. Tem um monte de filha de fazendeiro que vai junto com o pai e a mãe, tudo família boa!”; Evandro: “Ah, pra mim se fosse de família boa não ia nesse lugar e muito menos vestida do jeito que vão. Tão lá tudo querendo dar, tudo vagabunda também!”; Fernando: “É... isso é verdade. Mas com essas ainda dá pra casar!”; Evandro: “Com certeza! Mas ah, toda mulher é puta!”; Fernando: “Se não for à vista é à prazo! Risos”; Evandro: “Risos”.

Da situação descrita acima fica implícita a distinção que os rapazes fazem entre ‘mulher pra casar’ (de família boa, logo educada e recatada) e ‘mulher que não presta (pra casar)’, apesar de que na minha interpretação, do diálogo dos rapazes, a mulher casada seria a puta à prazo, sustentada pelo marido.



FIGURA7: “Toda mulher é puta! Se não à vista é à prazo.”  
Fonte: <http://www.caaso.org.br>, acesso agosto/2012



Ao mesmo tempo em que das mulheres é esperada/exigida a retidão, aos homens é esperado/exigido o contrário, uma atitude predatória em relações as mulheres, ou seja, tem que ‘pegar’ alguma menina na festa. Tal dinâmica se apresenta um tanto quanto perversa para as mulheres, pois ao mesmo em que devem ser recatadas tem que estarem disponíveis para os homens. Na ocasião de montagem das festas do TUFSCar de 2011<sup>54</sup>, presenciei a seguinte conversa entre Fernando e Sandro, que além de ilustrar a atitude predatória esperada dos rapazes, sugere algo como uma geografia/cartografia dos encontros (hetero)sexuais: Fernando: “O jeito vai ser dar no meio das mineiras<sup>55</sup>”; Sandro: “Você não tem ‘rolo’ com ninguém aqui?”; Fernando: “Não!”, e continuou: “As mineiras são firmeza (fazendo movimentos pélvicos), dá pra pegar! (querendo dizer que elas são fáceis, liberais no sexo)”; Sandro: “Tou ligado que as goianas são boas! Já as patricinhas da GV, sem chances...”; Fernando: “Vamos ver! Risos”. Vale lembrar que Fernando possui um carro do modelo Astra completo, inclusive com bancos de couro, e sempre que o encontrei estava vestido com roupas de grife. Um rapaz que se enquadraria perfeitamente no estereótipo do mauricinho, ou seja, de alguém endinheirado, o suposto par das patricinhas da GV. Talvez por se encarar nessa posição considerou-se digno de chance com as garotas da GV, todas ‘patricinhas’, ou seja, endinheiradas também.

Por fim, relato o episódio que ocorreu neste mesmo dia. Eu, e os outros rapazes da associação fomos montar os banheiros externos para a festa do TUFSCar. No momento de dividir as 15 cabines de banheiro químico entre os gêneros, ou seja, decidir quantas seriam destinadas ao público masculino e quantas ao público feminino, chegou-se a conclusão quase que por consenso que a grande maioria das cabines (12 delas) seriam destinadas às mulheres, e apenas três aos homens: “Homem mijar de pé mesmo. Nem precisa de cabine, faz atrás delas ou ali no mato mesmo”. Tal situação me remete à reflexão que a filósofa *queer* Beatriz Preciado (s/d) faz sobre os banheiros públicos em seu texto, “Basura y Genero: mear/cagar. Masculino/femenino”, inspirada pela ideia de tecnologias de gênero formulada por Teresa de Lauretis (1994).

De acordo com Preciado (s/d), a estrutura arquitetônica dos banheiros públicos (modernos), um espaço encarado apenas como onde vamos realizar algumas de nossas necessidades mais básicas, mijar e cagar como pontua a autora, atua como uma prótese de gênero, que produz e fixa diferenças a partir de funções biológicas. Ou seja, um lugar aonde o

---

<sup>54</sup>Participaram do torneio neste ano, além da UFSCar, a Universidade Federal do ABC (UFABC); a Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI); e Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP).

<sup>55</sup>Se referindo às alunas da UNIFEI.

gênero é produzido, pois toda vez que temos que entrar num banheiro somos obrigados a nos identificar com um gênero. E dentro do banheiro a se comportar de acordo com o gênero: no banheiro masculino homens mijam de pé, nos mictórios, e expostos a outros homens; enquanto no banheiro feminino as mulheres mijam sentadas e sozinhas dentro das cabines (que de acordo com a autora, representam o espaço do privado da casa transportado ao espaço público do banheiro). E afirma: “Mijar de pé publicamente é uma das performances constitutivas da masculinidade heterossexual moderna” (s/p).

### 3.2 MULHERES ENTRE MULHERES

“Sinceramente, o que mais me assustou no Tusca foi a agressividade das mulheres da torcida. Elas se penduravam na grade, o mais perto possível da gente e gritavam coisas de baixíssimo calão. “Suas putas, vou estourar a cara de vocês!”, “Vagabundas, piranhas!”. Na hora de cobrar lateral era um perigo porque elas jogavam coisas na gente. Tudo o que você puder imaginar. Água, cuspe, tudo mesmo... Elas eram mais agressivas do que os homens e isso me assustava. (...) Tínhamos duas irmãs gêmeas no time e uma delas era bem masculina, ela não era gay, mas a torcida inteira em coro gritava “Sapatão!”, quando ela pegava na bola. Era tenso, não era fácil jogar não...Tínhamos que abstrair muita coisa para não perder a linha, porque as ofensas eram pessoais, não eram contra a Federal ou o time, era específico, direcionado... Uma vez, cobrando escanteio, eu ouvi uma garota do Caaso começar a cantar “Marrom bombom” para mim, como se minha cor fosse uma ofensa, sabe? Na hora que ela começou a cantar, uma garota ao lado mandou ela calar a boca. Ainda bem, pois não sei como eu teria reagido se aquilo tomasse conta do ginásio...” – Carina, Ciências Sociais, Turma 2003.

Este depoimento, de uma colaboradora que treinou e jogou futebol no time da UFSCar durante toda a sua graduação (2003 - 2006)<sup>56</sup>, pode ser destrinchado e motivar abundantes discussões e análises. No entanto, focaremos na relação entre mulheres e como seus discursos interagem e compõem a dinâmica de rivalidade posta entre os sujeitos analisados.

Percebe-se que o teor agressivo que desqualifica o feminino e denuncia uma sexualidade desviada não é exclusividade dos homens. Portanto, os processos e dinâmicas de constituição das masculinidades, principalmente, a hegemônica, perpassam naturalizados e reproduzidos na sociabilidade entre mulheres universitárias. Tal constatação é importante para que percebamos o requinte de tais dispositivos que são concebidos, incorporados e reproduzidos, inclusive, pelos sujeitos que por ele são subalternizados.

A desqualificação da subjetividade feminina, a partir do que esse estudo revela, é operacionalizada por duas vertentes principais: 1) as mulheres são sexualizadas (e sensualizadas) ao ponto de se tornarem uma mercadoria que confirma a autenticidade e o grau

---

<sup>56</sup> Nota-se que o período relatado e vivenciado por ela diferencia do período etnografado neste trabalho, o que explica algumas diferenças nas descrições como, por exemplo, a presença de mulheres nas grades que beiram as quadras. Entretanto, a tônica do depoimento confirma e contribui com os valores e sentidos presentes nos dados por mim coletados.

da masculinidade dos homens e 2) a pretensa (hetero)sexualidade delas é constantemente colocada em xeque com aproximações a valores socialmente entendidos como masculino, ou seja, uma masculinização que denuncia uma possível homossexualidade.

Em suma, as mulheres universitárias vivem e convivem sob discursos que, ao mesmo tempo, exigem uma sensualidade extrema do seu corpo e, quando conveniente, negam a sua feminilidade, aproximando-as ao que é entendido (e repudiado) como desvio sexual: a homossexualidade.

Não podemos perder de vista que tais discursos são interseccionados e orientados pela máxima misógina de que os valores que se referem ao feminino são inferiores em comparação ao masculino. Não à toa, a maneira mais comum de os homens se xingarem, no campus e fora dele, ser as expressões “Mulherzinha!” e “Viado!”. Tudo que é entendido como “coisa de mulherzinha” é veemente desvalorizado e automaticamente associado a homossexualidade masculina.(SEDGWICK, 1985)

Outra colaboração pertinente a nossa discussão trata-se de uma ex-universitária, que graduou-se em Ciências Sociais em 2008:

“Logo que cheguei na Federal me enturmei com o pessoal da Atlética e por algum tempo os meus relacionamentos afetivos e sexuais e das minhas amigas ficaram dentro daquele grupo. Era excitante namorar ou ter um rolo com um cara da Atlética. Isso gerava até brigas entre as garotas que tinham acesso a eles... De certo modo, nós disputávamos os caras entre si. Mas com o tempo eu perdi o interesse por aquele mundo, não tinha mais tanta graça, como no início, sabe?” - Paola, Ciências Sociais, turma 2005.

Tal depoimento, o qual escutei semelhantes de outras garotas, converge com a nossa percepção de que as mulheres são altamente sexualizadas, tornando-se uma comprovação da masculinidade dos rapazes. Porém, o que se torna mais revelador no depoimento é notarmos que tal sexualização e mercantilização das mulheres é despercebida e reproduzida pelas mesmas, de modo naturalizado, como se elas agissem de tal maneira sem nenhuma interferência ou orientação do mundo externo a elas. Esse processo de internalização e reprodução resignada do próprio estereótipo que te desvaloriza pode ser melhor compreendido por meio da explicação de Bhabha (1998) sobre o processo de constituição dos estereótipos coloniais, que podem ser, se coerentemente contextualizados, aproximados aos estereótipos aqui analisados.

Um aspecto importante do discurso colonial é sua dependência do conceito de “fixidez” na construção ideológica da alteridade. A fixidez, como signo da diferença cultural/histórico/racial no discurso do colonialismo, é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca. Do mesmo modo, o estereótipo, que é a sua principal estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que este sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido... como se a duplicidade essencial do asiático ou a bestial liberdade sexual do africano, que não precisam de prova, não pudessem na verdade ser provados jamais no discurso. (BHABHA, 1998:105)

Por fim, mas não menos importante, segue um pôster de uma festa, que aconteceu em 2010, chamada : “Uma mulher não vale ABSOLUTamente NADA!!!”, que retrata bem o que temos discutido até aqui.



FIGURA 8: “Uma mulher não vale ABSOLUTamente NADA!!!”

Fonte: <http://www.caaso.org.br>, acesso agosto/2012

Tal festa não foi organizada pela AAA ou pelo CAASO, porém a empresa responsável por ela é nitidamente vinculada ao mundo universitário como afirma o sítio da mesma na rede *Facebook*:



FIGURA 9: Perfil da empresa “Eureka” no *facebook*  
Fonte: <http://www.facebook.com/Eureka.Agencia>, acesso em agosto/2012

As duas imagens acima expõem seus valores tão evidentemente, que parecem falar por si, porém, algumas observações críticas precisam ser pontuadas. Os cartazes de festas Universitárias mereceriam uma longa análise pautada em questões de gênero e sexualidade, no entanto, meu foco neste único cartaz se justifica por ser a propaganda de uma festa que gerou polêmica, no ano em que foi realizada, entre os grupos que se afirmavam feministas no âmbito da Universidade e os realizadores da festa.

A imagem expõe uma mulher magra, de cabelos longos e lisos, branca, de quadris salientes, vestida com um colant vermelho e com seios quase a mostra, considerada sensual pelos padrões vigentes de beleza, que dança frente a uma espécie de cano ou cilindro que, embora componha o desenho do cartaz e sirva para amparar informações sobre a festa como data, local e empresa de realização, remeteu-me a um cano vertical usado na prática de *pole dance*, espécie da dança e ginástica característica de shows em casas noturnas.

A imagem da mulher está acompanhada pela frase em destaque “Mulher não vale ABSOLUTamente nada”, sendo que as letras maiúsculas fazem referência a uma marca de Vodka vendida na festa, a Absolut, usada como justificativa para amenizar o machismo

evidente no cartaz, “era só uma piada com o nome da vodka”. A ênfase dada com três pontos de exclamação evidencia uma tentativa em deixar explícita a força do pensamento ali exposto e, em seguida, os dizeres apontam para o fato de as mulheres entrarem de graça na festa, bem como mostram a ordem dada a elas de “pegar a pulseira” e ir para a balada.

É comum no ambiente de festas universitárias as mulheres pagarem menos ou nada e, sempre quando questionados sobre tal prática, os organizadores desses tipos de evento e mesmo os frequentadores das baladas, diziam sem pestanejar “é claro que é pra ter mais mulher na balada”. Alguns usavam como argumento a ideia de que paga menos quem supostamente bebe menos ou não bebe, no caso, as mulheres; mas logo os argumentos iam por terra, quando essas informações eram acompanhadas de risos ou de troca de olhares de cumplicidade que evidenciavam, nas entrelinhas, que a primeira ideia era predominante, ou seja, a vontade de ter na festa, organizada por homens, mais mulheres disponíveis.

O cartaz reproduz o que tentei apontar neste momento da análise, ou seja, a exposição da mulher como uma mercadoria, altamente negociável por estar disponível, de maneira “free” ou, no termo dos próprios universitários “na faixa”, útil para reforçar certo padrão de masculinidade, calcado na heterossexualidade.

### 3.3 HOMEM COM H (OMEM)



FIGURA 10: Homens no baile do Trocado  
Fonte: <http://www.caaso.org.br>, acesso agosto/2012

Durante a montagem da FestAAA 9 e ½ , logo que terminei de encher uma caixa térmica com garrafas de cerveja e gelo, me aproximei de um grupo de três rapazes que conversavam bastante animados. Entre eles, Fernando estava contando aos outros rapazes que havia lido um livro chamado “Mystery Method”<sup>57</sup>, no qual o autor, Mr. Mystery, ensina aos leitores várias técnicas de como seduzir mulheres (lindas), que ele mesmo havia criado e empregado com sucesso. Fernando falava sobre as técnicas apresentadas no livro com propriedade, era quase uma “aula de xaveco”. Dentre as várias técnicas e dicas do autor do livro, que naquele momento eram dicas do próprio Fernando, destaco: “Tem que se vestir bem, se cuidar, mas não precisa virar um metrosexual!”. Foi então que intervi: “Mas como assim?”, Fernando: “Simples, por exemplo, se você vai numa balada top que só vai patricinha, você tem que ir mauricinho senão nenhuma menina vai olhar pra você, você tá fudido se aparecer vestindo roupa larga ou sei lá... Já se é um show de reggae, você tem que ir no estilo reggae, mais largadão mesmo, porque se você for todo mauricinho num lugar desse tá fudido também, as minas que vão nesses show não curtem caras assim, muito provavelmente você não vai pegar ninguém. Então, depende sempre do lugar que você vai!”, Eu: “Ah sim, mas isso é meio óbvio, queria saber mesmo em que ponto do ‘se cuidar’ alguém vira metrosexual.”,

<sup>57</sup><http://pt.scribd.com/doc/4023488/O-Mystery-Method-O-Manual-de-Artes-Venusianas>



Fernando: “Ah, entendi! Sei lá, as coisas tão mudando, hoje em dia é cada vez mais comum homem se cuidar, usar creme pra pele, cuidar do cabelo, essas coisas, mas pra mim o que passa do ponto é tirar a sobrancelha e fazer a unha, aí é demais, né?!”, outros rapazes: “Ah, é, né!?”, foi aí que insisti: “Mas mais o que é passar do ponto?”, foi então que Fernando terminou a conversa tirando um sarro da minha cara: “Relaxa meu, ninguém aqui vai desconfiar de você!” e riu junto dos outros rapazes.

A hierarquia entre os membros da associação é pautada no tempo em que o sujeito pertence à mesma e que cargos ele ocupou neste período. Isto faz com que os ex membros, principalmente os mais antigos, tenham bastante prestígio entre os atuais ou novatos. Constatei isto após participar do “churrasco dos Dinos da AAA”, no qual, quando um membro antigo tomava a palavra para contar uma história que aconteceu durante o tempo em que fez parte da associação, todos os membros, sem exceções, que participaram da associação no período de minhas incursões formavam quase que uma plateia para ouvi-lo. Pude sentir esta hierarquização baseada no tempo de pertencimento logo no momento em que cheguei à referida festa e fui recebido por um rapaz, um membro antigo da associação que eu jamais havia visto e nunca mais vi, que me disse: “E aí, bixão!”, já deixando claro qual era a minha posição ali em relação a ele e, provavelmente, à maioria dos presentes, a de novato, logo, menos importante.

A constatação dessa hierarquia entre os membros, baseada no tempo de participação na associação e dos cargos ocupados, ajuda a pensar o episódio que relatei anteriormente, no qual alguns rapazes se marcaram/queimaram com um espeto de churrasco “para selar a amizade”, como me disseram. Foram quatro rapazes que fizeram isto, três novatos e um veterano, em seu terceiro ano de associação e há dois como diretor de eventos. Isto me faz pensar que, para além de uma prova de ‘macheza’, os novatos tinham como pretensão criar um vínculo com o veterano, uma identificação, uma vontade de se igualar na tentativa de ganhar respeito.

Outro episódio interessante foi quando, durante o percurso de volta da montagem da festa do TUFSCar, Fernando me contou que o campeão internacional de jiu-jítsu faixa-roxa era calouro da UFSCar e que o pessoal da AAA tinha que contatá-lo e pedir para ele competir em nome da universidade. Mostrei-me interessado e ele continuou dizendo que já havia lutado jiu-jítsu na cidade de São Carlos e que conhecia um fulano da cidade que

era/é melhor do que o brasileiro que é campeão da UFC<sup>58</sup>, mas não lutava campeonato e vale-tudo porque é doutor em fisioterapia e tinha uma carreira por zelar. Mas também ficou implícito na fala do rapaz que o tal doutor não precisava lutar, e conseqüentemente se expor aos riscos que uma luta desse porte pode acarretar, pois já possuía sucesso profissional.

Na minha percepção da fala do rapaz, ao fazer tal afirmação ou ponderação, ele exprimiu um componente de classe social relacionado à masculinidade. Pois o tal doutor estaria numa posição de prestígio, apesar do sucesso midiático e financeiro do lutador, por não ter que precisar se expor a tais riscos para ganhar a vida. Algo que pode ser estendido a Fernando, pois escolheu cursar a mesma graduação e construir uma carreira profissional bastante semelhante a do caso por ele relatado, ao invés de investir numa carreira de lutador. Tal justificativa de Fernando me remete à idéia de expiação da homossexualidade como a apresentada no hino do CAASO em relação aos estudantes de arquitetura, pois Fernando cursa Fisioterapia, um curso culturalmente associado ao feminino, aos cuidados, que até exige certa delicadeza com as mãos. O que o coloca numa tal proximidade do Fisioterapeuta (ex lutador) por ele relatado, impedindo que ele simplesmente o desqualifique como acontece com os arquitetos do CAASO, pois tal estratégia, por conseqüência, também o desqualificaria. Sendo assim, a necessidade de aparentemente desnecessária de explicar a escolha do ex lutador, retrata algo mais amplo, a legitimação de si próprio. Ou seja, o fato dele ter escolhido um curso socialmente concebido como feminino somado à desistência de uma carreira largamente reconhecida como masculina e viril. Portanto, Fernando aciona a categoria classe social, interseccionando-a com a masculinidade (BRAH, 2006) numa tentativa de não ser feminilizado, homossexualizado.

Houve outra situação em campo em que o UFC esteve presente, foi numa das poucas vezes em que visitei uma das repúblicas de meus sujeitos pesquisados. O que relato a seguir ocorreu após uma reunião extraordinária que aconteceu durante a noite e tinha como pauta os últimos preparativos para a TUSCA. Logo que acabou a reunião fui convidado por Caíque para ir tomar uma 'breja' em sua 'rep' junto de alguns rapazes da associação. Fomos em cinco, eu, Caíque, Sandro, Roberto e Filipe. Ao chegar à república, dois outros rapazes que moram com Caíque já estavam tomando cerveja enquanto assistiam ao UFC. Sentamos todos na sala, nos servimos e começamos a conversar e assistir às lutas também, o que muito rapidamente se tornou o principal assunto.

---

<sup>58</sup> Sigla de Ultimate Fighting Championsip, um campeonato de MMA (Mixed Martial Arts), no qual são praticadas várias modalidades de lutas. E que tem feito bastante sucesso no Brasil recentemente, pois vários lutadores brasileiros são os atuais campeões de suas categorias.

Os rapazes conheciam os lutadores que apareciam na tela e começaram a relembrar outras lutas dos mesmos e de outros lutadores. Foi então que, ao começar uma nova luta, um dos lutadores subiu ao ringue usando uma sunga ao invés de shorts (como todos os outros lutadores que já haviam subido no ringue naquela noite). No exato momento em que o lutador de sunga apareceu na tela, Roberto gritou demonstrando enorme insatisfação: “Mas que porra é essa? De sunga? Só pode ser viado!”. Todos riram e concordaram: “Maior ridículo mesmo!”. Roberto não parou sequer um segundo de criticar o lutador: “Tomara que leve um couro!”. Mas o momento em que ele mais se enervou foi quando, em determinado *round* da luta, a sunga do lutador subiu e se enfiou entre suas nádegas: “Olha lá que merda! É disso que eu tava falando! Olha que viadão!” disse muito bravo. Percebi que neste momento todos os presentes também se irritaram com o lutador, fizeram cara feia e comentários que endossavam as críticas de Roberto.

Interpreto tal necessidade de criticar ostensivamente o lutador que trajava sunga e o fato de durante a luta suas nádegas terem ficado expostas, como uma tentativa de diminuir a tensão sexual criada pelo fato de sete rapazes estarem juntos vendo outros dois homens lutando (algo eminentemente masculino), mas literalmente se agarrando e ainda por cima de bunda de fora. O que me remete, mais uma vez, à discussão empreendida por Sedgwick (1985) em *Between Men*, de que a homossociabilidade masculina tem como componente essencial a homofobia. E ser seduzido ou seduzir outro homem, aqui representado pelas nádegas à mostra do lutador, é algo socialmente característico das mulheres, e os aproximaria do feminino, logo da homossexualidade.

Outro comportamento que observei ser constante nas relações de meus sujeitos pesquisados são as piadas de cunho heterossexista: “Ih, olha lá o Augusto se revelando!”, “Se entregou total agora, hein!?” disseram Gabriel e Filipe, respectivamente, durante a festa do TUFSCar se referindo a Augusto que dançava animadamente ao som de uma canção, interpretada por um grupo feminino de música pop estadunidense que fez grande sucesso durante a década de 1990, que ele disse ser de sua época.

Lembro-me que praticamente todas as vezes em que, durante as reuniões, algum membro falava da necessidade de ‘vestir a camisa’ da associação, algum dos rapazes brincava: “Tem que dar pra AAA! Ops, dar não, se doar! Risos”. Uma vez, ao acessar o Facebook de um de meus colaboradores, me deparei com a seguinte postagem:

[Redacted] 21 de Agosto

Hj eu acordei com uma vontade de assistir brokeback mountain



Curtir · Comentar · Compartilhar

[Redacted] e outras 2 pessoas curtiram isso.

[Redacted] E facebook aberto na Rep ou na AAA rs Ps : esse cara de chapéu preto seria o [Redacted] a cara dele rs  
21 de Agosto às 15:14 · Editado · Curtir

[Redacted] Aí vc quebra, fera !! Haha  
21 de Agosto às 14:51 · Curtir · 1

[Redacted] Porra [Redacted]  
21 de Agosto às 14:53 · Curtir

[Redacted] Que FAAAAAAAASE hein [Redacted]  
21 de Agosto às 14:58 · Curtir · 2

[Redacted] Se fode [Redacted]  
21 de Agosto às 15:01 · Curtir · 3

[Redacted] legal que você nos demonstre seus sentimentos  
21 de Agosto às 15:01 · Curtir · 1

[Redacted] GAY  
21 de Agosto às 15:40 · Curtir

[Redacted] owwwww [Redacted] ta me tirando? se fode  
21 de Agosto às 15:43 · Curtir

[Redacted] uhuhhuuhu  
21 de Agosto às 17:42 · Curtir

[Redacted] Vixii junto com o [Redacted] eh foda!!  
21 de Agosto às 18:09 · Curtir

FIGURA 11: “Hoje eu acordei com uma vontade de ver Brokeback Mountain”.  
Fonte: <http://www.facebook.com/>

Muito provavelmente o dono do perfil de Facebook em que tal postagem foi realizada se distraiu e deixou sua conta aberta, e alguém se aproveitou de tal descuido para fazer a piada,

como o primeiro dos comentários da referida postagem já atesta: “E facebook aberto na Rep ou na AAA”, livrando o dono do perfil da autoria da postagem. Os comentários seguintes confirmam a intenção de desqualificar o dono do perfil enquanto homossexual: “Aí vc quebra, fera !! Haha”, “Que FAAAAAAAAAASE hein”, ou o mais explícito, “GAY”.

Mas a situação enfrentada em campo mais reveladora de que, o que é ser homem para os meus sujeitos pesquisados não compreende a homossexualidade foi a seguinte. Fui me encontrar com meus colaboradores na sala da associação a fim de pegar uma carona com algum deles para irmos montar a já referida FestAAA 9½ ‘Putá e Cafetão’. Como cheguei antes do horário combinado, resolvi comer algo na lanchonete que se encontra perto da sala da associação, foi então que chegou Fernando (quem me deu carona neste dia) e sentou-se à mesa comigo. Minutos depois, passou uma garota pelos arredores da lanchonete que Fernando conhecia e ele me chamou para olhar para ela já dizendo: “Olha só que gostosa! Que bundinha deliciosa! Hmm”. Olhei para a garota e disse: “Sim, mas queria ter visto o rosto dela!”, pois no momento em que olhei para a garota ela já havia passado por nós, e eu a vi somente de costas. Ele completou: “Gatíssima, sou louco pra pegar!”, e eu: “Pode crer!”. Foi então que ele me disse: “Se você quer saber se um cara é viado, é só mostrar uma mina pra ele e esperar o que ele fala. Se disser alguma coisa sobre o cabelo ou a roupa ao invés dos peitos ou da bunda, é viado!”. Simplesmente sorri e pensei “ainda bem que eu não disse nada!”. Logo depois me levantei e fui fumar um cigarro a alguns metros de distância da mesa em que estávamos sentados, pois a mesa ficava num lugar coberto, onde é proibido fumar. Neste meio tempo chegou Evandro acompanhado de um amigo e os dois sentaram-se à mesa junto de Fernando. Terminei meu cigarro e me juntei a eles. Quando cheguei a mesa, Fernando estava repetindo aos dois rapazes o que ele havia acabado de me dizer: “É... se você quer saber se o cara é viado, é só mostrar uma mina pra ele e esperar o comentário, se ele falar da roupa ou do cabelo ao invés dos peitos e da bunda, é viado!” e desta vez ele completou: “Sei disso porque na ‘fisio’ (se referindo ao curso de Fisioterapia, o mesmo que ele cursa) tem um monte de homem que não é homem.”, Evandro: “Tem muito gay na ‘fisio’?”, Fernando: “Vish, um monte!”, Evandro: “Mas como é que você sabe?”, Fernando: “Ah meu, dá pra perceber, né? O jeito que os caras falam, andam, tudo com trejeito...”, Evandro: “Saqueei!”.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS



FIGURA 12: AAA *versus* Caaso  
Fonte: <http://www.caaso.org.br>, acesso agosto/2012

Esse estudo, como já dito, tinha como pretensão inicial estudar os processos e discursos constitutivos das masculinidades no campus da UFSCar. As vivências no campo, minhas leituras e reflexões teóricas somadas a minha subjetividade redundaram em um desfecho, talvez, inesperado para a pesquisa e os dados colhidos.

A constatação de que a rivalidade<sup>59</sup> era um ponto fundamental na constituição das masculinidades permaneceu. O que mudou, durante o processo da pesquisa e análise, foram os sujeitos e os sentidos que motivam tal rivalidade.

Aparentemente, a rivalidade está colocada entre a AAA e o CAASO, porém, depois do percorrido neste trabalho, podemos concluir que a rivalidade estabelecida e reproduzida incessantemente é entre o que é ser autenticamente masculino e heterossexual em contraposição ao que é ser feminino e não-heterossexual, estes amplamente concebidos como inferiores em inúmeros sentidos, como apontamos durante a exposição da pesquisa.

---

<sup>59</sup> Tal conceito foi generosamente indicado pela banca de qualificação.

Esta rivalidade é patente na sociabilidade universitária, observada, inicialmente, entre os membros da AAA, porém podemos constatar que a mesma permeia os discursos e práticas em todo o campus e, obviamente, em seu exterior, tendo em vista, que tais sujeitos possuem uma vida social extra-campus e carregam em suas subjetividades e comportamentos os valores que compõem tal rivalidade, de modo corporificado e naturalizado, portanto, na maioria dos casos, imperceptível a eles próprios.

A desvalorização do que é ser feminino é, simultaneamente, o mote produtivo da afirmação e confirmação do que é ser “homem de verdade”. A masculinidade autêntica que atesta a heterossexualidade precisa necessariamente rechaçar o feminino e expiar a homossexualidade. Tudo o que remete a ser uma “mulherzinha” é tratado como inferior para, conseqüentemente, ser usado, tanto para afirmar a própria heterossexualidade apontando e ameaçando a possível homossexualidade alheia, quanto para controlar e mercantilizar as mulheres como medalhas e troféus que precisam ser exibidos com intuito de confirmar que não basta ser masculino e heterossexual, bonito é ser “o cara comedor”.

É importante salientar que a segmentação presente no terceiro capítulo, no qual as relações entre “homens e mulheres”, “mulheres e mulheres” e “homens e homens” são descritas, trata-se de um recurso didático para que a nossa análise fique mais compreensível. Pois sabemos que tais relações são, além de simultâneas, interseccionadas e contingentes. Características que nos remetem a necessidade de considerar e pontuar que não são necessariamente os corpos e suas anatomias que determinam os sentidos dos discursos ou a posição do sujeito diante deles. Pois, como observamos, ser mulher, ou melhor, ter anatomicamente um corpo entendido como feminino não determina que o discurso proferido por tal sujeito não será marcado e orientado pela misoginia e, conseqüente, homofobia.

Pelo contrário, os dados colhidos nas vivências e nos depoimentos de nossos/as colaboradores/as demonstraram que o dispositivo gerador da rivalidade mencionada é minuciosamente ensinado e apre(e)ndido pelos sujeitos, sejam homens ou mulheres. Em suma, tal dispositivo só é eficaz porque atua de modo disciplinador em todos. Até mesmo nos sujeitos que são evidentemente prejudicados por ele.

Tal constatação é importante para que saibamos distinguir os limites da atuação do sujeito diante dos dispositivos sociais dessa magnitude. Da mesma maneira que Sedgwick (2007) demonstrou que o “armário gay” não é uma questão individual, ou seja, estar ou não dentro dele não pode ser avaliado como uma opção do sujeito, pois trata-se de um dispositivo socialmente impositivo, contextual e constitutivo dessa suposta “identidade gay” em

contraponto ao que é e como é ser heterossexual; não podemos pontuar ou rotular vítimas ou algozes no contexto aqui estudado.

Embora seja evidente que haja posições e identificações mais convenientes do que outras, a reprodução dos discursos e práticas que compõem esse dispositivo de rivalidade extrapola, em muitas medidas, a possibilidade de escolha do sujeito. Pois trata-se de uma rede complexa de saberes disciplinadores que conecta tais indivíduos de um modo que eles os reproduzem, praticamente, convictos de que estão agindo naturalmente. Para além disso, é explícito que o preço a ser pago para enfrentar ou recusar tais “regras do jogo”, quando as mesmas passam a ser percebidas, desnaturalizadas e intrumentalizadas pelos sujeitos, é extremamente humilhante e desagradável. Revelando o requinte do dispositivo aqui estudado e exposto.

Portanto, vale salientar que um estudo que tem a subjetividade como tema orientador, como é o caso desse, de modo algum deve subestimar o impacto do que é coletivo e social. Pelo contrário, o que pudemos constatar neste trabalho com o auxílio das reflexões bibliográficas é que a subjetividade humana é necessariamente cultural, portanto, extremamente relevante para dar inteligibilidade ao mundo social como um todo, desde que coerentemente contextualizada. (SCOTT,1998)

Esta perspectiva contextualizada lança luz a todo o processo de constituição das diferenças e extrapola a perspectiva de estudos de caso ou do sujeito subalternizado. Dito de outro modo, com esse estudo também buscamos demonstrar a importância de situar e estudar os sujeitos estabelecidos e como sua existência e permanência é necessariamente co-dependente da existência rechaçada dos seus contrários, os seus “outros”.

Sendo assim, salientamos a importância de que mais estudos sigam esta perspectiva de destrinchar e analisar criticamente os dispositivos sociais que constroem e mantêm os binarismos, tais como “hetero/homo”, “masculino/feminino”, “branco/negro”, etc. A fim de transcender a perspectiva identitária e consolidar estudos que visem confrontar e contribuir com as teorias sociais por meio e a partir de outras epistemologias e metateorias que não reafirmem a ordem que, inicialmente, intentavam criticar e desconstruir. (BHAHBA, 1998, pp. )

Diante disso, é inevitável pensar que este estudo, de certo modo, dialoga com o pensamento social brasileiro no que tange o pressuposto da compreensão das (meta)narrativas que orientam os sentidos e constituição da nossa sociedade/nação.



Para finalizar, retomaremos o título deste trabalho, no qual usamos a expressão mais recorrente entre os sujeitos estudados: “Xupa, Caaso!”, com vistas a justificá-la na medida em que o mesma sintetiza as principais conclusões aqui presentes.

“Xupa” nitidamente refere-se ao verbo “chupar” e ao ato sexual oral no pênis. Sendo assim, tal grito de guerra, incessantemente repetido, entre os universitários da UFSCar e da USP, é a constante afirmação do dispositivo de rivalidade aqui descrito, pois o seu recado implícito é: “O meu pau é maior que o seu, portanto, venha chupá-lo, sua mulherzinha!”. Ou seja, é uma “arma” que ao mesmo tempo afirma os valores da masculinidade hegemônica e ataca pejorativamente os valores que constituem o feminino e a homossexualidade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Rachel; SAVRAN, David. *The Masculinity Studies Reader*. Malden-MA: Blackwell Publishing, 2009.

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 2000.

ARÁN, Márcia. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. *Revista Estudos Feministas*, jul./dez. 2003, vol.11, no. 2, pp.399-422.

ÁVILA, Eliana; COSTA, Cláudia de Lima. Gloria Anzaldúa, a Consciência Mestiça e o “Feminismo da Diferença”. *Revista Estudos Feministas*, set./dez. 2005, vol.13, no. 3, p.691-703.

BARNES, J. A. Redes Sociais e processos políticos. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.) *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos*. São Paulo: Global, 1987.

BARRET, Frank J.; WHITEHEAD, Stephen M. *The Masculinities Reader*. Malden: Polity Press, 2004.

BHABHA, HOMI K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRAH, Avtar. Diferença, Diversidade, Diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, jan./jun. 2006, n.26, p. 329-376.

BUTLER, Judith. *Bodies that Matter: On the discursive limits of “sex”*. New York and London: Routledge, 1993.

\_\_\_\_\_. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRIGAN, Tim; CONNELL, R. W.; LEE, John. Toward a New Sociology of Masculinity. In: ADAMS, Rachel; SAVRAN, David. *The Masculinity Studies Reader*. Malden-MA: Blackwell Publishing, 2009.

CONNELL, R.W.. Políticas da Masculinidade. *Educação e Realidade*, jul./dez. 1995, vol.20, no. 2, pp. 185-206.

\_\_\_\_\_. *Understanding Men: Gender Sociology and the New International Research on Masculinities*. Clark Lecture, Department of Sociology, University of Kansas, 19 September 2000.

\_\_\_\_\_. *Masculinities: Second Edition*. Berkeley-Los Angeles: University of California Press, 2005.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, James W. Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept. *Gender & Society*, December 2005, vol. 19, no. 6, pp. 829-859.

- COSTA, Claudia de Lima. O Sujeito no Feminismo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.19, 2002, p. 59-90.
- DAMATTA, Roberto. O Ofício de Etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson de O. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. *Nas Redes do Sexo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- FLAX, Jane. Pós-Modernismo e Relações de Gênero na Teoria Feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). *Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Org.) *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2006. p. 345-362.
- GATTI, José; PENTEADO, Fernando M.. (Org.) *Masculinidades: Teoria, Crítica e Artes*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.
- GIFFIN, Karen. A Inserção dos Homens nos Estudos de Gênero: Contribuições de um Sujeito Histórico. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 10, no. 1. Rio de Janeiro, 2005, p. 47-57.
- GOLDENBERG, Miriam. A dominação masculina na juventude. In: *De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- \_\_\_\_\_. O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia. In: GOLDENBERG, M. (Org.) *Os Novos Desejos*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2000, p.13-39.
- GROSSI, Miriam P.. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. *Antropologia em primeira mão*, vol. 75. Florianópolis: UFSC/Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 2004.
- HALBERSTAM, Judith. *Female Masculinity*. Durham and London: Duke University Press, 1998.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é Par – Gênero e Identidade Sexual em Contexto Igualitário*. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.
- KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e marginais. *Horizontes Antropológicos: Corpo Doença e Saúde*, v. 9, n. 1, p. 103-118, 1998.

\_\_\_\_\_. Masculinity as Homophobia: Fear, Shame and Silence in the Construction of Gender Identity. In: BARRET, Frank J.; WHITEHEAD, Stephen M. *The Masculinities Reader*. Malden: Polity Press, 2004.

\_\_\_\_\_. The Birth of the Self-made Man. In: ADAMS, Rachel; SAVRAN, David. *The Masculinity Studies Reader*. Malden: Blackwell Publishing, 2009.

LARA, Oswaldo. *Masculinidades na Revista VIP*. IC-FAPESP. Monografia para conclusão do Curso de Ciências Sociais, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria *Queer* – Uma Política Pós-Identitária para a Educação. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, v. 9, n. 2, 2001.

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. Por uma Matriz Feminista de Gênero para os Estudos sobre Homens e Masculinidades. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, vol. 16, no. 3, set./dez. 2001, p. 809-840.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

\_\_\_\_\_. Corpos Elétricos: do assujeitamento à estética da existência. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: dezembro de 2006. v. 15, n. 1.

\_\_\_\_\_. Vivemos uma Crise das Identidades de Gênero? In: CD 29.o Encontro Anual da ANPOCS. São Paulo: ANPOCS, 2005.

\_\_\_\_\_. “Do Desvio às Diferenças”. In: *Teoria & Pesquisa*. Dossiê Normalidade, Desvio, Diferenças. São Carlos, Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2005. p.9-42

OLIVEIRA, Pedro P. de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG/IUPERJ, 2004.

PELÚCIO, Larissa; MISKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes In: *Sexualidad, Salud y Sociedad*. Rio de Janeiro: CLAM/UERJ, 2009.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, Goiânia: UFG, v.11, n.2, jul./dez. 2008, p. 263-274.

RIAL, Carmen S. M.. Rugby e Judô: esporte e masculinidade. In: GATTI, José; PENTEADO, Fernando M.. (Org.) *Masculinidades: Teoria, Crítica e Artes*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

RUBIN, Gayle. The Traffic in Women: Notes on the political economic of Sex. In: REITER, R (Ed.). *Toward an Anthropology of Women*. NY and London, Monthly Review Press, 1975: 157- 210.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário. *Cadernos Pagu*. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.

\_\_\_\_\_. *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire*. New York. Columbia University Press. 1985.

SEIDMAN, Steven. *Queer Theory/Sociology*. Cambridge-MA, Blackwell, 1996.

SCOTT, Joan W. A Invisibilidade da Experiência. *Projeto História*. São Paulo, 1998, p.297-325.

\_\_\_\_\_. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol.20, n.2, 1995, p.9-25.

SCHPUN, Mônica R. (Org.) *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade Masculina e Curso da Vida: Pensando Idades e Identidades Sexuais. In: Piscitelli, Adriana et alli. (Org.) *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro, Garamond, 2005, p.415-447

SOUZA, Márcio F. de. As Análises de Gênero e a Formação do Campo de Estudos sobre a(s) Masculinidade(s). *Mediações*. Londrina, vol. 14, no. 2, jul./dez. 2009, p. 123-144.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, Campinas. jan./jun. 2005, p.127-152.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. *Indicadores UFSCar 2001 – 2010*. São Carlos: UFSCar, 2011.

WACQUANT, Löic. *Corpo e Alma: Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e a homofobia. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, UFSC, ano 9, vol.9, segundo semestre de 2001, p.461-481.

## **6. ANEXOS**



# InformAAAtivo

Edição 10 - Janeiro/2012

## Associação Atlética Acadêmica UFSCar

### SEJAM BEM-VINDOS, BIXARADA!!

É com imenso prazer que a Associação Atlética Acadêmica UFSCar parabeniza você, bixo/bixete, pelo ingresso em uma das melhores universidades do país e acredite a melhor fase de sua vida está apenas por começar!



### A ATLÉTICA NA UFSCAR

A Associação Atlética Acadêmica UFSCar (AAA) é uma associação sem fins lucrativos que visa promover qualquer atividade física ligada ao esporte dentro da Universidade. Desta forma, todas as arrecadações obtidas durante o ano são utilizadas para o desenvolvimento e aprimoramento destes esportes.

A principal função da Atlética na Federal é promover o esporte, ao mesmo tempo que permite que as pessoas de cursos diferentes interajam entre si através da prática esportiva.

Para que a promoção do esporte seja plena, somos responsáveis por organizar alguns torneios que visam o treinamento dos nossos times e possibilitam a torcida do restante dos alunos.

### FIQUE POR DENTRO

Quando falamos em CAASO, se ligue, mande imediatamente um xupa! Trata-se do campus da USP de São Carlos.

Agora o primeiro passo é o seu cadastramento no dia da matrícula, há sempre algum membro da Atlética disponível a te ajudar, informe-nos se pratica ou já praticou algum esporte, se tem interesse por algum específico etc. Logo no início das aulas informaremos os dias e horários das peneiras de cada modalidade. Sua participação é de suma importância a todos nós, alunos da Federal, pois VOCÊS, bixos e bixetes, irão nos representar furamente, começando no Tusquinha.

As peneiras são como testes em que os bixos mostram o que sabem a respeito do esporte que praticam. Nestes testes serão escolhidos alguns atletas para que o time da determinada modalidade seja montado e posteriormente os treinos comecem. Alguns esportes não realizam

peneiras, então se você já jogava ou está com vontade de aprender algum esporte novo fique atento aos horários dos treinos.

O time selecionado nas peneiras disputará o Tusquinha, um torneio entre os times formados apenas de bixos da FEDERAL e do CAASO.

Participar desta seleção também é importante para que os atletas conheçam o time e os treinadores das modalidades, para que posteriormente continuem treinando e participem de outros torneios.

Não deixe de participar, A FEDERAL PRECISA DE VOCÊ!

Caso não tenha preenchido o formulário durante a sua matrícula, por favor, mande um e-mail para [contato@atleticaufscar.com.br](mailto:contato@atleticaufscar.com.br) ou acesse o [facebook.com/atleticaufscar](https://www.facebook.com/atleticaufscar) que entraremos em contato!

Edição 10

Página 1

### INTERCURSOS

O intercursos, é a competição de várias modalidades que ocorrem ao longo do ano envolvendo todos os cursos da UFSCAR. No ano de 2011, foram disputadas 9 modalidades: Basquete, Futsal, Handebol e Vôlei masculino e feminino e Futebol de campo.

As finais masculinas ocorreram todas no mesmo dia, no ginásio da FEDERAL, com direito a comentaristas pros jogos, além da tradicional trucada e torneio de Tênis de Mesa disputados no mesmo dia. E quem levantou o troféu foi a Engenharia De Materiais.

### CALOURADA 2012

Na semana da calourada, em 2012, de 27 de fevereiro a 3 de março, a Atlética é responsável por dois eventos: a gincana dos bixos e a FestAAA.

A gincana é realizada na quarta-feira (29/03) a tarde e tem como objetivo integrar bixos e veteranos. São realizadas inúmeras brincadeiras em um momento de descontração e muita diversão. Sua presença é crucial para esta, pois é na gincana que você tem a primeira imagem do tamanho da Federal e ela só acontece por e para você!

A noite temos a FestAAA, é muito tradicional (essa é a 10ª Edição) e acontece duas vezes ao ano, sempre na primeira semana de aula. Conta com um bom público, visto que é o momento propício para interação bixo-veterano.

Portanto bixo/bixete: Não percam!

### ATENÇÃO!

Bixarada!!

A doação de alimentos (não perecíveis, excluindo sal) durante a gincana valerá pontos extras para a sua equipe!!

Então, leve o que puder para ajudá-la e também ajudar aqueles que precisam!!



### HINO DA FEDERAL

Se você está a fim De estudar e se divertir, Eu conheço um lugar Você não vai resistir!

O Luau é animal! E o TUSCA sempre a mil! Vem curtir a FEDERAL, A melhor do meu Brasil!

A FEDERAL, não é fraca não!!! Só tem gostosa e gostoso! E a bosta do caaso Só tem puta e cuzão!

CAASO... CAASO... vai tomar no cu! Filho da puta!!

ohhhh - ohhh ... FEDERAL ! ohhhh - ohhh ... FEDERAL !

Eu sou FEDERAL Com muito orgulho Com muito amor

Vai tomar no cu caaso! Sou Federal, O seu terror!



Edição 10

Página 4

### CONQUISTAS DE 2011

Ao longo do ano de 2011 a Atlética UFSCAR conseguiu organizar alguns torneios em São Carlos e também foi disputar fora da cidade, o que acaba gerando uma interação muito forte entre os atletas e também os torcedores.

O ano que passou começou bem com a vitória no Tusquinha logo no início do semestre, em maio a Atlética organizou o TUSCAR (Torneio Universitário Federal de São Carlos) e convidou FGV, UFU e UNIFEI para disputar a taça e novamente a UFSCAR foi campeã!

A FEDERAL também participou do TUBARÃO (Torneio Universitário de Barão Geraldo) contra Engenharia UNICAMP, Medicina UNICAMP e UFABC em Campinas e ficou com o vice campeonato vencendo uma das anfitriãs do tor-



neio, a Medicina UNICAMP, na classificação geral. Ainda no primeiro semestre o time de basquete feminino terminou em segundo na chave Ouro da Liga Paulista.

No segundo semestre vencemos o desafio contra a UNESP Bauri sediado em São Carlos a fim de preparar os atletas para a TUSCA, que também foi vencida pela FEDERAL.

A FEDERAL encerrou o ano sendo vice no Handebol Feminino e Vôlei Masculino na chave Ouro da Liga Paulista, o Xadrez terminou em terceiro lugar nos Jogos Universitários Brasileiros e a equipe de cheerleader conquistou o nacional.

### A TUSCA

A tradicional Taça Universitária Federal de São Carlos (TUSCA) começou devido a grande rivalidade entre a FEDERAL e o caaso (XUPA!) há mais de 30 anos. Desde então a competição poliesportiva vem crescendo cada vez mais, tanto na parte esportiva que hoje conta com quatro faculdades de outras cidades e as duas faculdades organizadoras (FEDERAL/caaso), quanto nas baladas do evento que além de serem open bar, para aproximadamente 10 mil pessoas, a cada ano vem com atrações melhores.

Devido a esse crescimento de suas proporções em 2010 a TUSCA entrou para o calendário oficial de eventos da cidade de São Carlos e hoje é considerado o maior torneio organizado por universitários do Brasil.

A UFSCAR venceu 30 das 32 edições e em 2011, UNICAMP, UNIFEI, UFU e EACH vieram para São Carlos disputar a TUSCA, os jogos aconteceram nas dependências esportivas da UFSCAR e do caaso e as finais ocorreram no Ginásio Municipal Milton Otaio Filho. A disputa esse ano foi acirrada, mas a FEDERAL não decepcionou e conquistou o seu trágésimo título, confirmando a hegemonia vermelho e branco.

As baladas de 2011 foram incríveis, atrações já conhecidas como DJ Malboro, Tuca Fernandes, Monobloco e Dudu Nobre foram os principais destaques das festas realizadas à noite, além disso, as estruturas do palco e da tenda eletrônica impressionaram muito.



Edição 10

Página 2

# VENHA JOGAR PELA FEDERAL!

## Horários dos Treinos

### Tusquinha 2012 Peneiras

#### Em Março.

Fique atento aos horários que serão divulgados no site!

[www.atleticaufscar.com.br](http://www.atleticaufscar.com.br)

Futsal

Basquete

Hand

Volei

Bixarada!!

Sua presença é muito importante!!

Estes são os horários referentes aos treinos do ano de 2011, portanto estão sujeitos a mudanças para 2012. Fiquem atentos as divulgações no ginásio, no R.U. e na sala da Atlética!

**TORNE-SE UM MEMBRO DA ATLÉTICA!!!**  
MESMO QUE VOCÊ NÃO PARTICIPE DE ALGUM ESPORTE,  
VENHA AJUDAR A ATLÉTICA  
REUNIÃO TODA QUINTA FEIRA AS 12H30MIN NO PALQUINHO!

Edição 10

Página 3

- ADMINISTRAÇÃO**
- 1 Central de Serviços Terceirizados
  - 2 Coordenadoria de Comunicação Social (CCS)
  - 3 Coordenadoria de Cursos a Distância
  - 4 Coordenadoria Especial para o Meio Ambiente (CEMA)
  - 5 Departamento de Almoarifado (DAAlm) da ProAd
  - 6 Departamento de Produção Gráfica (DAPG)
  - 7 Departamento de Transporte (DeTrans) da PU
  - 8 Seção de Vigilância (SeVig) da PU
  - 9 Divisão de Registro de Diplomas (DIRD) da ProAd
  - 9 EdUFSCar (Editoria)
  - 10 EdUFSCar (Livraria)
  - 11 Prefeitura Universitária (PU)
  - 11 Escritório de Desenvolvimento Físico (EDF)
  - 12 Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (ProACE)
  - 13 Pró-Reitoria de Graduação (ProGrad)
  - 13 Pró-Reitoria de Extensão (ProExt)
  - 14 Reitoria | Pró-Reitoria de Administração (ProAd) | Procuradoria Jurídica (PJ) | Pró-Reitoria de Pós-Graduação (ProPG) | Pró-Reitoria de Pesquisa (ProPg) | Secretaria Geral de Relações Internacionais (SRInten) | Departamento de Compras (DeCom) da ProAd | Departamento Financeiro (DeFin) da ProAd
  - 15 Secretaria Geral de Educação a Distância (SEAD)
  - 16 Secretaria Geral de Recursos Humanos (SRH)
  - 17 Unidade de Gestão de Resíduos (UGR)

- APOIO ADMINISTRATIVO E ACADÊMICO**
- 1 Anfiteatro Bento Prado Junior | Sala de Apoio
  - 2 Biblioteca Comunitária (BC) | Auditórios 1, 2 e 3 do BCC
  - 3 Centro de Convivência Sul | Athenas Paulistas (Venda de passos)
  - 4 Departamento de Assistência Médica e Odontológica (DIAMOD) | Departamento de Serviço Acadêmico (DSA)
  - 5 Divisão de Controle Acadêmico (DICA)
  - 7 Espaço Cultural
  - 8 Espaço de Estudos | Balcão de Orientações de Estudo (PreEstudo)
  - 9 Fundação de Apoio Institucional (FAI - UFSCar)
  - 10 Laboratório Aberto de Interatividade (LAI)
  - 11 Biblioteca Estudantil | Espaço de Estudos
  - 12 Núcleo de Formação de Professores - Blocos A e C
  - 13 Núcleos de Extensão - Município - Sindicato - Saúde - Cidadania - Empresa | Condomínio de Empresas Juniores
  - 14 Pavilhão de Ginástica | Ginásio
  - 15 Rádio UFSCar
  - 16 Menssageira Universitária (MU)
  - 17 Salas de Aula (AT1) | Bibliófila I
  - 18 Salas de Aula (AT2) | Bibliófila II | Auditório do CIEH
  - 19 Salas de Aula (AT4)
  - 20 Salas de Aula (AT5)
  - 21 Salas de Aula (AT6)
  - 22 Salas de Aula (AT7)
  - 23 Salas de Aula (AT8)
  - 24 Secretaria Geral de Informática (Sis)
  - 25 Teatro Flaminiano Fernandes
  - 26 Unidade de Atendimento à Criança (UAC)

- CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**
- 1 Departamento de Artes e Comunicação (DAC)
  - 2 Departamento de Ciências Sociais (CCSoc)
  - 3 Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências (DFMAC)
  - 4 Departamento de Letras (DL)
  - 5 Departamento de Metodologia de Ensino (DME)
  - 6 Departamento de Psicologia (DPA)
  - 7 Departamento de Sociologia (DS)
  - 8 Diretoria do CECV | Departamento de Ciência da Informação (DCI) | Departamento de Educação (DEd) | Arquivo de História Contemporânea (AHC) | Portal dos Professores (Nea) | Núcleo de Pesquisa e Documentação
  - 9 Laboratório de Musicização do DAC
  - 10 Núcleo de Extensão UFSCar - Escola
  - 11 Sala de Ensaio de Orquestra
  - 12 Teatro de Bolso

- CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DE TECNOLOGIA**
- 1 Centro de Caracterização e Desenvolvimento de Materiais (CCDM)
  - 2 Departamento de Computação (DC)
  - 3 Departamento de Estatística (DEs)
  - 4 Departamento de Engenharia Civil (DECV)
  - 5 Departamento de Engenharia de Materiais (DEMa)
  - 6 Departamento de Engenharia de Produção (DEP)
  - 7 Departamento de Engenharia Química (DEQ)
  - 8 Departamento de Matemática (DM)
  - 9 Departamento de Química (DQ)
  - 10 Depósito de Produtos Químicos do DQ
  - 11 Diretoria do CCET | Departamento de Física (DF)
  - 12 Laboratório de Bioprocessos do DEMa
  - 13 Laboratório de Caracterização Estrutural (LCE) do DEMa
  - 14 Laboratório de Destilação do DQ
  - 15 Laboratório Interdisciplinar de Eletroquímica e Cerâmica (LIEC) do DQ
  - 16 Laboratório de Engenharia do Produto do DEP
  - 17 Laboratório de Ensaio de Química do DQ
  - 18 Laboratório de Física e Química do CCET
  - 19 Laboratório de Materiais Vitreos do DEMa
  - 20 Laboratório de Operações Unitárias do DEP
  - 21 Laboratório de Reciclagem do DEMa
  - 22 Laboratório NET | Pré-moldados
  - 23 Laboratório de Pesquisa do DECV
  - 24 Núcleo de Serviços do DQ
  - 25 Oficina Eletrônica do CCET
  - 26 Auditório José Carlos Nogueira do DQ

- CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**
- 1 Anexos II e III do DEBE
  - 2 Biotério Central
  - 3 Casa de Vegetação do DB
  - 4 Departamento de Botânica (DB)
  - 5 Departamento de Ciências Fisiológicas (DCEP)
  - 6 Departamento de Ecologia e Biologia Evolutiva (DEBE)
  - 7 Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH)
  - 8 Departamento de Enfermagem (DEN)
  - 9 Departamento de Fisioterapia (DFis) | Departamento de Terapia Ocupacional (DTO)
  - 10 Departamento de Genética e Evolução (DGE)
  - 11 Departamento de Hidrobiologia (DHA)
  - 12 Departamento de Medicina (DMEd)
  - 13 Departamento de Morfologia e Patologia (DMMP)
  - 14 Diretoria do CCES
  - 15 Jardim Experimental
  - 16 Laboratório de Anatomia
  - 17 Laboratório de DB
  - 18 Laboratório de Neurociências
  - 19 Laboratório de Neuropediatria
  - 20 Laboratório de Pesquisa do DEBE
  - 21 Laboratório de Pesquisa de Idosos do DEN | Laboratório ART do DTO
  - 22 Laboratório Metlia do DTO
  - 23 Laboratório de Pesquisa em Saúde Mental do DTO
  - 24 Revista Brasileira de Fisioterapia
  - 25 Unidade Saúde-Escola (USE)

